ANNO VII N. 317
RIO DE JANEIRO, 23 DE MARÇO DE 1932
Preço para todo o Brasil 1$500

Eleanor Boardman

CINEARTE

Mary Kornman
Roberta Gale
Arline Judge
cinearte

Chevalier, Jeanette, Genevieve e Roland em "One Hour With You". Ao alto, Margaret Churchill tenta tirar um instantaneo de Marion Nixon, Helen Chandler, Gertrude Short e Mary Brian.

MUITO se ha escripto ultimamente sobre o Cinema Educativo o que demonstra que o assumpto já entrou a fundo na ordem das cogitações de todo mundo.

De facto, o que entre nós se dava era vergonhoso.

Podiamos em questão de Cinema Educativo ser collocados na ultima categoria daquellas nações que não curavam, por ignorancia ou falta de administração.

Ha um grande movimento em torno da educação nacional.

Parece que só agora ganhou éco a voz dos apostolos que vêm pregando a boa palavra ha tantos annos neste "deserto de homens e de idéas".

A necessidade de alphabetizar os 80% da nossa população privada de professores e de escolas; a convicção que vae se fazendo e vae se extendendo, vae se espalhando de que emquanto não educarmos a nossa gente não poderemos esperar o progresso de nossa terra; os proprios problemas politicos que se armam ameaçadores porque não ha resolvel-os com eleitores analphabetos ou apenas alphabetizados, tudo isso faz com que ora se escutem mais essas vozes que vem desde tantos annos bradan do de rincão em rincão, sem que esses brados mereçam a attenção dos poderes de Estado. O exemplo dos Estados Unidos não nos serviu nunca, como não nos servirá o dos mais adeantados paizes do velho mundo. Para ver o pouco interesse que despertaram entre nós assumptos de ordem pedagogica basta dizer-se que a nossa principal bibliotheca publica, só de dous annos a esta parte, e para acompanhar o rythmo do interesse que ao publico vem taes assumptos despertando, começou a fazer entrar para as suas collecções e a entregar aos leitores as centenas e centenas de obras que, principalmente em inglez e hespanhola, vem sendo publicadas todos os dias.

E ao que sabemos já se cuida da instituição de uma sala destinada especialmente a essas obras, sala a que naturalmente hão de concorrer todos os que por semelhantes assumptos se interessam e cujo numero vae avultando cada dia que passa.

Ora, assim como os assumptos pedagogicos em geral vão interessando a maior numero de pessoas, tal o mais particular, do Cinema Educativo que já não é olhado com o desdem de outr'ora, displicencia de sempre.

O circulo de pessoas que vem estudando o assumpto vae cada vez mais se alargando.

O proprio governo, "mirabile dictu" já por elle se interessa, já fez declarações publicas em seu favor, promettendo-lhe beneficios que assegurem seu desenvolvimento.

Nós sempre por estas columnas nos batemos por isso, appellando para as autoridades, para os responsaveis pelos destinos do paiz para que olhassem com carinho para essa questão da nacionalisação da industria do Film, attendendo especialmente aos seus fins educativos.

E' com prazer que vemos ás nossas vozes se juntar esse enorme coro que acabará por fazer triumphar a grande idéa.

UMA ALMA LIVRE

(Conclusão do nº passado)

No momento em que sentiu que não podia mais supportar a idéa de Ace sem se lembrar das co׳ .rdias que elle disséra deante delle, á mulher que amava, resolveu telephonar a Wilfong. Foi facil. Combinou com elle o hall de um hotel para se encontrar. Ace acceitou, rindo. E minutos depois, ambos lá se encontravam.

— Fale logo, maçinho, porque não posso perder muito tempo falando com gente da sua especie...

Diwght respondeu.

— E nem falará mais pela sua vida toda, seu canalha!

Wilfong não teve tempo para nada. O revolver surgiu na mão de Dwight e os tiros partiram, violentos, atirando-o morto, por terra, sem uma unica palavra. Dwight, depois de despejar a carga toda da pistola sobre o corpo de Ace, gritou aos que o seguravam.

— Chamem a policia. Eu esperarei. E digam a todos que eu matei este porco por questão de jogo!

———

Dwight estranhou profundamente o silencio de Jan. Ella, com certeza, não creria naquelle negocio de divida de jogo ou trapaças em jogo. Iria vel-o. Mas não foi. No dia do julgamento, no emtanto, a primeira pessôa que elle divizou na sala de julgamentos, foi Jan. Sorrindo para elle, cheia de fé. Ao seu lado, ainda que elle não acreditasse, Stephen Ashe. Pallido, abatido, mas Stephen Ashe. Dwight não comprehendeu. Só percebeu, quando Jan lhe conseguiu dizer, antes do julgamento começar, que o pae estivera perdido, pelos peores antros da Cidade, bebendo e que ella e Mac o tinham encontrado. Agora elle ahi estava para o defender tambem.

— Mas tenho meus advogados.

— Dos quaes um é elle, Dwight...

Nada mais disseram. Ainda que agradavelmente surpreso, Dwight esperou com emoção a palavra de Stephen Ashe. Quando elle começou a falar e pediu o testemunho de sua filha. Dwight tentou evitar que isso se desse. Inutil foi o seu protesto. Stephen proseguio e animado pela propria filha. Assim que a teve prompta para falar, Stephen começou seu interrogatorio.

— Jan. Que idade você tinha quando sua mãe falleceu?

— Onze.

— Quem foi o responsavel pela

sua infancia? E, depois, pela sua mocidade?

— Você, meu pae.

— Eu não achei, sempre, que você devia fazer as cousas como as achasse melhores? E sem mesmo considerar as consequencias?

— Sim...

Respondeu ella, depois de alguma hesitação.

— E você teve absoluta e cega confiança no meu julgamento e na minha razão pela vida toda, não foi?

— Sim, meu pae.

— Onde se encontrou com Ace Wilfong?

— Aqui nesta sala, meu pae?

— Esse conhecimento descambou para uma ligação intima e irregular?

Dwight quiz protestar. Mas Jan confessou, diante de todos, aquillo que o pae perguntára. Elle lutou. Vibrou. Mas foi inutil.

— Agora, minha filha. Encontraram-se esses dois homens nos seus aposentos?

— Sim.

— Agora diga-lhes, filha, o que succedeu. Faça valer o seu proprio testemunho.

E Stephen chorava, dizendo isso.

Era situação demasiadamente violenta para elle, ainda tão enfraquecido pelo estado em que o encontrára a filha...

— Stephen procurou-me. Recuseime acompanhal-o. Dwight chegou. Ace lhe disse que se casasse commigo, não chegaria á lua de mel.

— E o que mais?

— Elle me disse, depois, que se eu, depois disso, apparecesse um dia em sua casa, que talvez elle me deixasse dormir em sua cama, uma noite...

Todos que a viam depondo, acreditavam que ella não tivesse mais forças para proseguir, naquelle instante. Era realmente demais.

Ao passo que ella tombou em violentos soluços, diante da vergonha publica a que se sujeitava, o pae, ainda se controlando, disse.

— O que devem encarar, jurados, é defesa da moral e não divida de jogo. O unico homem culpado desse crime sou eu, Stephen Ashe, pae desta pequena. Aquelle homem agiu como qualquer outro agiria, em seu logar. Foi nobre. Decente. Honesto. Não tem culpa e, senhores jurados, tirae-o das grades onde elle não merece estar!!

O esforço atirou-o ao solo, desmaiado. Quando voltou a si, Dwight já tinha sido absolvido e combinava, com Jan, o dia do casamento que queriam para breve, afim de liquidarem, de vez, aquelle falatorio que já não podiam mais supportar.

James Dunn e Sally Eilers, que obtiveram tanto successo em "Bad Girl" e "Over the Hill" (Honrarás Tua Mãe), vão de novo apparecer juntos em "Dance Team". Para este film, tiveram que aprender a dansar o tango — a ultima mania da America...

✣ ✣ ✣

Frank Niblo, filho do director Fred. Norman Taurogg, Tom Mix e o filho de Polly Moran, que foram operados de appendicite, recentemente, já se acham fóra de perigo.

CHARLES ROGERS
E
PEGGY SHANNON
CHARLES STARRETT
E
BILLIE DOVE

Constance
Bennett
e
Joel
Mac
Crea.

Paschoa em Hollywood...

Jean Arthur

Liliam Harvey

Lilliam Bond

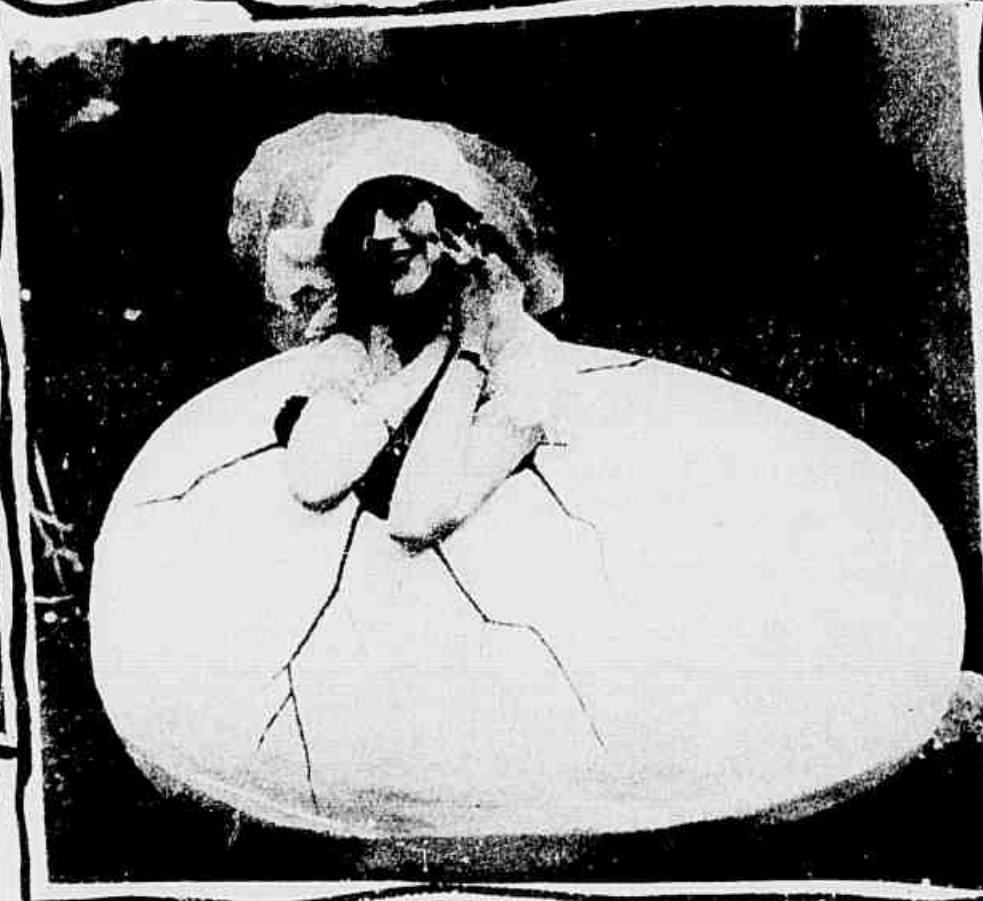
Olga Bacianova

A turma da "Our gang"

Ethlyn Claire

Lilliam Roth

June Collyer

Cinema Brasileiro

O "Cinédia-Studio" esteve, um dia destes, em alvoroço, quando se realizou a cerimonia do baptisado de um cachorrinho "Teneriff" legitimo, que um "fan" enviou de presente a Lú Marival... Entre as muitas suggestões que appareceram, foi escolhido o nome que Paulo Magalhães suggeriu: "Fernando Alves Ferreira". Mas Lú, na intimidade, prefere chamar o "joven" Fernando... de "Samurai", nome com que ella o apellidou, desde que o viu, pela primeira vez.

* * *

"Labios sem beijos" voltou ás telas do Districto Federal e está sendo exhibido no Cinema Jovial, de Piedade.

* * *

A "Associação Cinematographica de Productores Brasileiros" continúa congregando em torno de si todos os elementos do Cinema Brasileiro, realizando assim a união que tanta falta estava fazendo, para tornar o nosso Cinema uma realidade definitiva. E' assim que tres figuras conhecidas da nossa Filmagem, inscreveram-se socios da "Associação": Joaquim Garnier o productor do Film "A's Armas!"; José Medina, um dos que mais Films Brasileiros já dirigiu e Almeida Fleming, o director de "Paulo e Virginia" e "Valle dos Martyrios".

* * *

Com a partida de Ernani Augusto, para a Europa, foi escolhido Decio Murillo para o papel que aquelle ia interpretar em "Onde a terra acaba", que Carmen Santos está produzindo e a *Cinédia* apresentará aos "fans". Decio que tomou parte em "Labios sem beijos" e é tambem um dos principaes em "Ganga Bruta", vae, assim, continuando a sua carreira artistica, já são interessante no Cinema Brasileiro.

* * *

Partindo para o estrangeiro, Ernani Augusto, não só perdeu o seu papel em "Onde a terra acaba", como ainda outros, em novos Films da *Cinédia*, para os quaes estava indicado, entre elles, possivelmente, o de galã em "Amargura". Mas Ernani voltará e, temos certeza, continuara a apparecer no Cinema Brasileiro, pelo qual tanta affeição elle tem.

* * *

Prosegue a Filmagem de "Onde a terra acaba", de Carmen Santos, cuja direcção, como se sabe, está confiada á Octavio Mendes, o director de "Mulher".

Todas as scenas externas já foram tomadas e estão sendo ultimadas as montagens dos "interiores", no palco do Studio da *Cinédia*, para a Filmagem das internas.

* * *

Aphrodisio Castro, que até ha pouco era a alma da "Photo-Phebus", entre todos os photographos do Rio, o unico que é brasileiro e tambem quem se encarregava das photographias dos artistas do nosso Cinema, mudou-se definitivamente para a "Cidade *Cinédia*", com o seu atellier, para attender os trabalhos photographicos do Studio de Pedregulho, o que vem provar, mais uma vez, a importancia da *Cinédia* e consequentemente do Cinema Brasileiro. Aphrodisio é agora, tambem, o chefe dos laboratorios da *Cinédia*, cujo departamento technico, actualmente em construcção, será o primeiro, em seu genero, existente na America do Sul.

* * *

"Mocidade inconsciente", "Um bravo do Nordeste", "O campeão de foot-ball", "Anchieta entre o Amor e a Religião", "Mulher", "Cousas nossas", "Alvorada de Gloria", "Casa de caboclo", "O campeão", "Alma dourada", "Piloto n.º 13" e "Iracema", foram os Films Brasileiros de 1931.

S. Paulo mais uma vez, produziu o maior numero de Films. Entretanto dois delles — "O campeão" e "Alma dourada", não chegaram a ser exhibidos porque o director deste ultimo, Alberto Vidal (não confundir com o productor de "Anchieta"), metteu-os em baixo do braço e fugiu para o estrangeiro... Esse cavalheiro de nacionalidade hespanhola, era bem conhecido de todos e ainda é do dominio publico a "escola de cinema" que manteve na Praça Tiradentes, para a qual chamámos a attenção dos incautos, tendo sido afinal, varejada pela policia.

* * *

Este anno, já temos, nada menos de 8 Films em producção, que são "Ganga Bruta", "Onde a terra acaba", "Carlitomania", (já terminado), "Sacrificio Supremo", "Alma do Brasil", "A féra da matta", "Rapaz de valor" e "O preço de um prazer"...

—oOo—

Em Porto Alegre, ainda se exhibe em réprise, com successo — "Cousas nossas", da Byington, que aliás tambem ainda está correndo as telas do Rio.

"Iracema" e "Escrava Isaura" tambem andam em exhibições de réprise, na capital gaúcha e "Alvorada de Gloria" vae ser exhibida no Cinema Baltimore.

* * *

Lafayette Cunha, conhecido operador Cinematographico, escreveu uma carta ao "Globo" lembrando um tribunal para julgar os Films Brasileiros que o governo pretende obrigar exhibir dizendo que muitos delles poderão ser prejudiciaes a mentalidade do povo... Muito naturalmente, Lafayette Cunha que aliás muito apreciamos e se diz tambem na carta, o iniciador dos Films educativos no Brasil... não conhece o decreto organizado pela commissão nomeada pelo Ministerio da Educação. A futura commissão federal de censura julgará os Films Brasileiros que poderão ser apresentados. E ainda mais: Antes da

(Termina no fim do numero).

Déa Selva, a grande sensação do Cinema Brasileiro. Muito creança ainda. Sincera e humana, quando representa. Déa e uma das que ficarão muito tempo porque tambem é possuidora de muito ideal pelo nosso Cinema.

Um aspecto do "Cinédia Studio", vendo-se o edificio de tres pavimentos onde será o novo departamento technico...

A TELA EM

Kay Clive e Miriam em "24 Horas"

UMA ALMA LIVRE — (A Free Soul) — Film da M. G. M. — Producção de 1931.

Norma Shearer sob a direcção de Clarence Brown. Clark Gable. Uma historia de Adela Rogers St. Johns. Varios elementos de successo e uma confirmação: — realmente um bom Film.

Uma Alma Livre é um Film que tem apenas um ponto fraco: — Leslie Howard. Fóra este, o restante é esplendido. Ella está fascinante como nunca. Arrebatadora. Deslumbrante, mesmo. As criticas disseram que Lionel Barrymore roubou o Film e Clark Gable dominou em todos os seus trechos. Nós não achamos. Ella está admiravel, representando phantasticamente bem e aproveitando intelligentemente a sua chance de trabalhar dirigida por um Clarence Brown. O Film é seu, primeiramente. Em seguida vem Lionel Barrymore, e na scena final.

A historia é forte. O scenario bom. A direcção segura e impertubavel. Sente-se o pulso de Clarence Brown pelo trabalho todo e nota-se que elle sentiu e aproveitou bem a historia de Adela Rogers St. Johns e o scenario de Becky Gardiner.

Sequencias admiraveis: — a primeira visita de Norma ao appartamento de Clark Gable; a sequencia toda da chegada de Lionel Barrymore ao "speakeasy" de Clark Gable até ao momento final em que elle tira Norma Shearer de lá, num final silencioso, recordação saudosa dos bons tempos passados... Em casa, o accordo entre ambos. Norma, Clark e Leslie Howard, quando Clark a quer forçar ao casamento ignobil. O assassinato de Clark Gable. A procura de Lionel Barrymore pelos bairros mais sordidos. O final todo.

Nestas sequencias o publico encontrará toda a grande emoção de um bello Film. Ha um *gangster* na historia, mas até Films com *gangsters* Clarence Brown sabe fazer differentes... Ella, repetimos, está simplesmente arrebatadora e Clark Gable, realmente, revela a sua virilissima mascara que muitos successos dominará, sem duvida.

O trabalho de Lionel Barrymore, controlado por sabia mão, esplendido e perfeito. Na sequencia final elle emmociona.

Leslie Howard é fraco, porque ali logo imaginamos Conrad Nagel ou Clive Brook. Leslie é magro, feio, desagradavel. Fez bem em deixar Hollywood.

James Gleason apparece e, tambem, Lucy Beaumont, Philo Mc Cullough, Francis Ford e George Irving.

William Daniels photographou lindamente.

Não o devem perder, se bem que o Film seja bastante convencional e muitas vezes theatral. Se o scenario fosse mais Cinematographico... é um dos pontos que mais deixam a desejar além do typo de Leslie Howard.

Cotação: — MUITO BOM.

A PONTE DE WATERLOO — (Waterloo Bridge) — Film da Universal — Producção de 1931.

O primeiro trabalho de James Whale nos Estados Unidos, depois que veiu da Inglaterra com toda sua fama de grande director theatral, "Journey's End", que foi feito pela Tiffany, não chegou ainda ao Brasil e nem sabemos se chegará. A critica aclamou-o. Exhibido quasi juntamente a "Sem Novidade no Front", varias revistas commentaram-no acima, mesmo, do original de Lewis Milestone. A Tiffany, aqui, não tem distribuidor certo e é fabrica de producções normalmente simples. Eis a razão pela qual "Journey's End" não chegou até nós.

Mais algum tempo esteve James Whale com essa fabrica, que chegou, mesmo, a annunciar varios Films dirigidos por elle, dos quaes nenhum mais se realizou. A Universal acabou contractando-o e seu primeiro trabalho é este que passamos a commentar: — "A Ponte de Waterloo".

James Whale é realmente um bello director. Tem apreciaveis qualidades, entre ellas, comprehender que o segredo maximo do Cinema é o movimento. "A Ponte de Warteloo" revela isto no movimento constante da sua acção. Além disso, Whale traz seus artistas bem seguros e fal-os representar com os corações. Se não fosse aquelle accesso hysterico de Mae Clarke, o Film teria corrido lisamente sem merecer um reparo. Aliás, para aquelle trecho, o reparo, é puramente "sonoro", porque, no Cinema, o choro e os gritos tornam-se extremamente desagradaveis e revelam uma origem theatral ainda menos compativel com os bons "fans" do Cinema.

A nao ser isso, no emtanto, o Film é excellente. Sem bilheteria, provavelmente, porque é um Film que quasi só tem dois artistas: — Mae Clarke e Kent Douglass e, além disso, desenrola-se em ambientes sordidos, alguns como a agua furtada onde ella reside e tragicos outros, como aquelles aspectos externos da Londres de durante a guerra.

Apesar disso, aquelles que o assistirem, gostarão delle. Tem uma pujança intensa e a sua historia é humana na sua simplicidade cruel. A gente sente a pureza das intenções daquelle rapaz junto daquella mulher e, gradativamente, a quasi caridade della encarando este aspecto do rapaz. Curiosos os primeiros trechos do Film. Depois crescem. Avolumam-se, quando ella descobre que precisa afastal-o de si para não se deixar envolver por uma paixão que será a desgraça da sua vida e da delle. Crescem ainda mais, quando ella vae á casa dos paes delle e conta áquella bondosa mãe que Enid Bennett faz tão bem, a sua verdadeira situação ainda recebendo della uma caricia e um conselho. Dahi para diante, o Film é extremamente dramatico até ao final que é dolorosamente tragico. Mas tudo isso é mostrado em boa linguagem de Cinema, com lances realmente empolgantes.

Mae Clarke está admiravel no papel que lhe coube. E como se nota, vibrante, o contraste dos seus olhos negros cercados pelos seus cabellos loiros! Em qualquer trecho ella está esplendida. Do principio ao fim, domina o Film todo e não dá uma "chance" deste ou aquelle roubarem-no della. Repellindo Kent Douglass. Regeitando Billy Bevan que a quer conduzir num "cab" e acha caro o atrazo da pensão. Confusa e mal collocada dentro do lar austero e luxuoso dos parentes do rapaz que a ama. Empolgante nos trechos finaes. Esplendida, em summa! James Whale fel-a uma grande artista.

Kent Dougalss, com o qual antipathisamos em "A mulher que perdeu a alma" e que já achamos bem melhor em "Os novos ricos", sahe-se igualmente bem e está perfeitissimamente encaixado no seu papel. Talvez por isso mesmo esteja tão bem nelle. Faz bem aquella scena em que grita com a senhoria daquella casa de commodos. Ethel Griffies, depois de a ouvir insultar a mulher que ama.

E' um Film dolorido, triste e que fará muitos olhos se encherem de genuinas lagrimas. Mas é bom e agradavel de se ver. De uma tristeza que ás vezes faz bem a gente.

Bette Davis, Fraderick Kerr — esplendido num papel de surdo —, Enid Bennett, Doris Lloyd, Rita Carlisle, completam o elenco.

Benn Levy e Tom Reed scenarisaram. Arthur Edeson operou.

Cotação: — MUITO BOM.

MARY ANN —(Merely Mary Ann) — Film da Fox — Producção de 1931.

Os grandes directores, são grandes em quaesquer fabricas. Os grandes Films, ás vezes, têm historias simples e infantis, mesmo, que valiosas se tornam pelo tratamento que lhe dá um bom scenarista. Charles Farrell e Janet Gaynor, hoje como hontem, continuam sendo Charles Farrell e Janet Gaynor, o casal que vive no coração de todo "fan".

São os tres motivos da victoria insophismavel de "Mary Ann": — Henry King, Jules Furthman e o casalzinho que desde "Setimo Céo" acompanhamos pelos seus idyllios, dos quaes, um dos mais bonitos é este.

"Mary Ann" revela um novo Henry King. Novo, dizemos, porque elle não foi, nunca, um director tão assucarado como está neste Film. Desde "David, o Caçula", que elle teve propensão decidida pelos trechos idyllicos delicados, nos seus trabalhos. Mas sempre houve, nos seus Films, o trecho dramatico intenso, aquelle que era, justamente, o que elle melhor dirigia. Em "Glorificação da mulher" tivemos esse Henry King. Quem se lembra da serie que elle dirigiu com Ronald Colman e Vilma Banky, tambem sabe disso. Em "Mary Ann", no emtanto, elle é puramente idyllico. Da primeira á ultima sequencia. Reza, diante dos olhos dos "fans", o mais puro rosario de situações romanticas. Chega, mesmo quasi ao sentimentalismo latino que é o mais piegas do mundo, sem duvida alguma. Para chegar a este, Charles Farrell teria soffrido menos britannicamente aquella ausencia e Janet Gaynor teria sido mais expansiva, mais arrebatada, nos trechos finaes. Talvez por estar tão perto do nosso sentimento é que seja esse Film tão do nosso agrado, tão "brasileiro" no romance da pequenina Mary Ann e do compositor John Lonsdale.

A Fox, depois de apresentar "Um sonho que viveu" e "Tristezas da aristocracia", para, mais adiante um pouco, apresentar "Divino peccado", quasi comprometteu Janet Gaynor e Charles Farrell. Salvou-os, no emtanto, com a mão firme e quasi infallivel de Henry King ("Olhos do Mundo" é um ligeiro colapso...). Foi feliz idéa. "Mary Ann" é realmente um Film bonito. Qualquer pessoa que o veja, sentirá um cheiro forte de pureza, pelo Film todo, um perfume que inebria e, nos nossos dias, principalmente, chega a nos parecer extranho. E' um Film bom para o afflicto. Para o triste. Para o alegre. Para o satisfeito. Todos o apreciarão immenso. Se alguem duvidar da possibilidade de Janet Gaynor viver, ao lado daquelle ambiente romantico, em companhia de Charles Farrell sem que a vida se intromettesse, fatal e humana como é, nos olhares delles, no emtanto, encontrarão o desmentido: — que "close ups" repletos de encanto e pureza! Ella, então, tão meiga tão pura.

Ha sequencias admiraveis. Momentos de uma felicidade preciosa. Tudo no Film é bom. Particularmente, o primeiro beijo que elle põe no purissimo rosto della. A sequencia das luvas que ella calça quando entra no quarto delle. Aquelle idyllio depois que os dois voltam de correr pela praia, ella deitada na areia e elle naquelle banco, olhando-a, uma sequencia de sensual pureza. O final todo. E muitos outros trechos bonitos, realmente.

Tanto Charles Farrell, como Janet Gaynor, estão felicissimos. Representando visivelmente controlados pelo pulso firme e intransigente de um director mestre, portam-se á altura dos meritos de bilheteria que têm. Chegam, mesmo, em certos trechos, á perfeição. Janet Gaynor talvez não supplante o seu trabalho em "Papae Pernilongo", com este,

que é de menos responsabilidade, mas está igualmente excellente. Charles Farrell tem momentos muito felizes e "close ups" que o reporão no seu antigo logar, junto ás pequenas que tanto o admiram.

O restante do elenco, Beryl Mercer (muito bem e, para quem entender inglez, mais do que pedante

REVISTA

quando corrige o americanisado inglez que Janet fala), Lorna Balfour, Arnold Lucy, G. P. Huntley Jr., J. M. Kerrigan e Tom Whitley. Argumento de Israel Zangwill. Photographia magistral e lindissima em certos e particulares effeitos, protegendo, com sua magia, ainda mais a photographia suave do casal.

Não é possivel deixar de aqui consignar, mais uma vez, o merito de Generoso Ponce como exhibidor. Apanhando uma casa que fechára por causa da "crise"... Uma casa que, os "impressionados" chegaram a dizer que ameaçava ruir. Uma casa cujas "palpebras de aço" se tinham fechado tão lacrimosas. Reabriu-a numa sexta-feira de tempestade, depois de uma reclame como costuma fazer: — nem tanto espalhafatosa, mas proveitosa e util. E com todo este "historico", só teve casas á cunha. Será Generoso Ponce o Moysés que faz brotar agua da pedra fria e inexpressiva?... Onde está a crise"?... O Publico regeita o Capitolio ?... Mas o publico não regeitará o "Broadway", empolgante do letreiro luminoso da fachada ás modificações introduzidas. Qualquer Cinema é bom e crise só ha com máus Films ou Films mal lançados. E é por isso que felicitamos Generoso Ponce: — mais uma vez provou que a crise, a tal crise, é conto de fadas que o publico vive desmentindo.

Cotação: — MUITO BOM.

ENTRE BEIJOS E ESPADAS — (The Honor of the Family) — Film da First National — Producção de 1931.

Ha tempos que a First National não nos dava um Film assim bom e assim interessante. "Entre Beijos e Espadas", titulo sobre o qual se debruça a nossa curiosidade para saber a sua origem, quando o original era tão melhor, é realmente bom. Lloyd Bacon revela-se um director realmente interessante, com este trabalho e apesar de desejarmos visivelmente Lubitsch, para uma historia assim, sente-se que o trabalho de Lloyd Bacon foi feliz e bom, mesmo.

Bebe Daniels, linda e photographada intelligentemente, desta vez, não se prejudica com as lentes. Ao contrario: — ganha. Mais dentro do seu genero, ainda, dá um papel que só se torna menor pelo bom desempenho e pela personalidade interssante de Warren William. De toda fórma, esplendida e realmente fascinante, em certos trechos. E como ella se finge pequenina e desamparada nos braços do velho Frederick Kerr...

O Film, no emtanto, é de Warren William. Elle tem personalidade e physico. Voz e aspecto viris. O seu "capitão Boris" vae fazer successo e as pequenas vão gostar delle.

Uma cousa o Film tem, todo elle: — malicia e grande. Felizmente os letreiros encobriram varios dialogos ousados, não os traduzindo. De toda fórma, deixando os pequenos em casa e avisando as senhoritas, vale a pena assistir, porque é realmente um Film aperitivo e aperitivo bom.

Varias são as sequencias boas. A chegada de Boris. Antes, aquella com Alan Mowbray, Bebe e Dita Parlo — de "estrella" da Ufa a criadinha de Bebe Daniels... — com aquelle jogo de pernas... Tambem aquella das bofetadas que ambos trocam — ambos Bebe e Warren William — depois delle a reconduzir ao palacio de seu tio. E o restante todo, até ao duelo final que é empolgante.

Um Film que arrancou boas gargalhadas da platéa e é realmente interessante, malicioso e bom. Vale a pena ser visto e ha detalhes que fazem mais sorrir do que rir, mas um sorriso que é bem Brasileiro.

Bebe Daniels é a primeira vez que tem realmente sorte, desde que se acha com a First National. Em papeis assim ella ainda ha de reconquistar integralmente o seu antigo posto. Warren William, repetimos, dentro do papel e magnificamente dirigido. Blanche Friderici, Alan Mowbray, Frederick Kerr, Dita Parlo, Harry Cording, C. Henry Gordon Alphons Ethier e Alan Lane, completam o elenco.

De um romance de Honoré Balzac e peça de Emil Fabre. Photographia do magistral Ernest Haller que é boa porção do agrado do Film.

Boa e maliciosa diversão, não se esquecendo a gente de deixar o Juquinha e a Lili em casa, para não fazerem, no Cinema, perguntas indiscretas.

No complemento, Giovanni Martinelli em "Caravana Egypcia". A "caravana", no emtanto, é cigana e não egypcia. "Gypsy" não é egypcia, positivamente... Apesar do tenor ser mais feio do que o Boris Karloff caracterisado de "picadinho de cadaveres", a musica é realmente linda.

Varios "trailers" completaram o programma...

Cotação: — BOM.

VINTE E QUATRO HORAS — (24 Hours) — Film da Paramount — Producção de 1931.

Duas cousas este Film tem que muito o recommendam: — a direcção de Marion Gering, um cavalheiro que tem nome de mulher mas é um director muito interessante e uma quantidade de dialogos bem menor do que os trechos silenciosos do Film e que falam realmente mais do que ruidos ou vozes. E', por isso, um Film novo nesta phase de Cinema falado. E perfeitamente agradavel e interessante, por isso mesmo.

A historia, da novella de Louis Bromfield e peça theatral de William C. Lengle e Lew Levenson, não é cousa de real valor. Narra a historia de um ebrio infeliz que se julga apaixonado por uma cantora de *cabaret* e, sem querer, envolve-se no seu assassinato. O que de valor ha, nella, é a fórma de narrativa usada pelo director com o auxilio de um operador admiravel como o é Ernest Haller — e quem duvidar que veja este Film e sua photographia maravilhosa — algumas miniaturas bem feitas e varios andamentos de machina bons e dentro da descripção Cinematographica do thema. Varios angulos originaes, como o do assassinato de Regis Toomey, por exemplo e algum bom Cinema pelo seu desenrolar.

Além disto, o elenco, do qual Miriam Hopkins toma, nas suas breves sequencias, a redea, photogenico e coheso: — Kay Francis, Clive Brook, Regis Toomey, Adrienne Dore, George Barbier, Lucille La Verne e outros de menor importancia.

Miriam Hopkins merece um reparo especial: — fascinante, cheia de "it", cantando dois "blues" admiraveis, particularmente o segundo, quando vem de uma scena violenta e dramatica com o esposo que é um criminoso e um tarado. Clive Brook, ao lado della, tambem esplendido naquella sua sobriedade toda (mesmo fazendo um bebado...). Kay Francis tem pouca "chance", mas a que tem, aproveita bem, como naquelle trecho em que chora sobre o leito vasio do esposo ausente.

Louis Weitzenkorn scenarisou a contento e Dudley Murphy collaborou com a direcção, sendo que ella, no emtanto, é visivelmente toda de Marion Gering.

Cotação: — BOM.

FLOR DO CABARET — (Les amours de minuit) — Braunberger - Richebé — Producção de 1931 — Prog. Matarazzo.

Um Film sem muita photogenia, mas com uma narração passavel e com uma bem acceitavel direcção de Augusto Genina, director italiano. Mas o Film, é francez.

Algumas scenas longas, com muitos dialogos, theatraes. Duas partes dentro de um camarote de trem e uma parte num camarim.

O desempenho é bom. Danielle Parolla, a protagonista, já conhecida aqui no Rio por varios Films allemães da Ufa, tem um dos papeis de maior responsabilidade, tendo-se sahido bem em algumas scenas, comquanto fraca, n'outras. Não é typo para o papel em que está.

Pierre Batcheff que vimos com successo no "O jogador de xadrez", tem um dos melhores papeis.

Jacques Varennes tambem vae bem e o seu typo é esplendido.

Genina é um dos melhores, sinão o melhor de todos os directores italianos. A verdade é que elle tem se revelado mais na direcção de Films produzidos por casas francezas e allemães, do que mesmo para as empresas genuinamente italianas.

Os detalhes dos trilhos da linha ferrea, os fios telephonicos e outros mais detalhes curiosos, são bons, porém, podiam ser mais curtos.

Estão boas as scenas da estação e de que tanto falaram as revistas francezas quando em confecção.

Cotação: — BOM.

DINHEIRO A' BESSA — (Big Money) — Pathé — (Prog. Matarazzo).

Eddie Guillan num Film de grande metragem. Elle não é dos peores e o Film é divertido. Margaret Livingston e outras, tomam parte.

Cotação: — BOM.

OS DEMONIOS DO ESPAÇO — (The Sky Spider) — Action — Prog. V. R. Castro.

Um Film de aviação com Glenn Tryon e Pat O' Malley. O primeiro, fôra do seu genero, Beryl Mercer está melhor do que elles.

Cotação: — REGULAR.

SEMPRE ADEUS — (Always Goodbye) — Film da Fox — Producção de 1931.

Apesar de ainda não ser o seu Film e nem estar num genero que a possa verdadeiramente revelar, Elissa Landi, neste trabalho, muito melhor está do que em *Corpo e Alma*, com o qual aqui se apresentou ao lado de Charles Farrell.

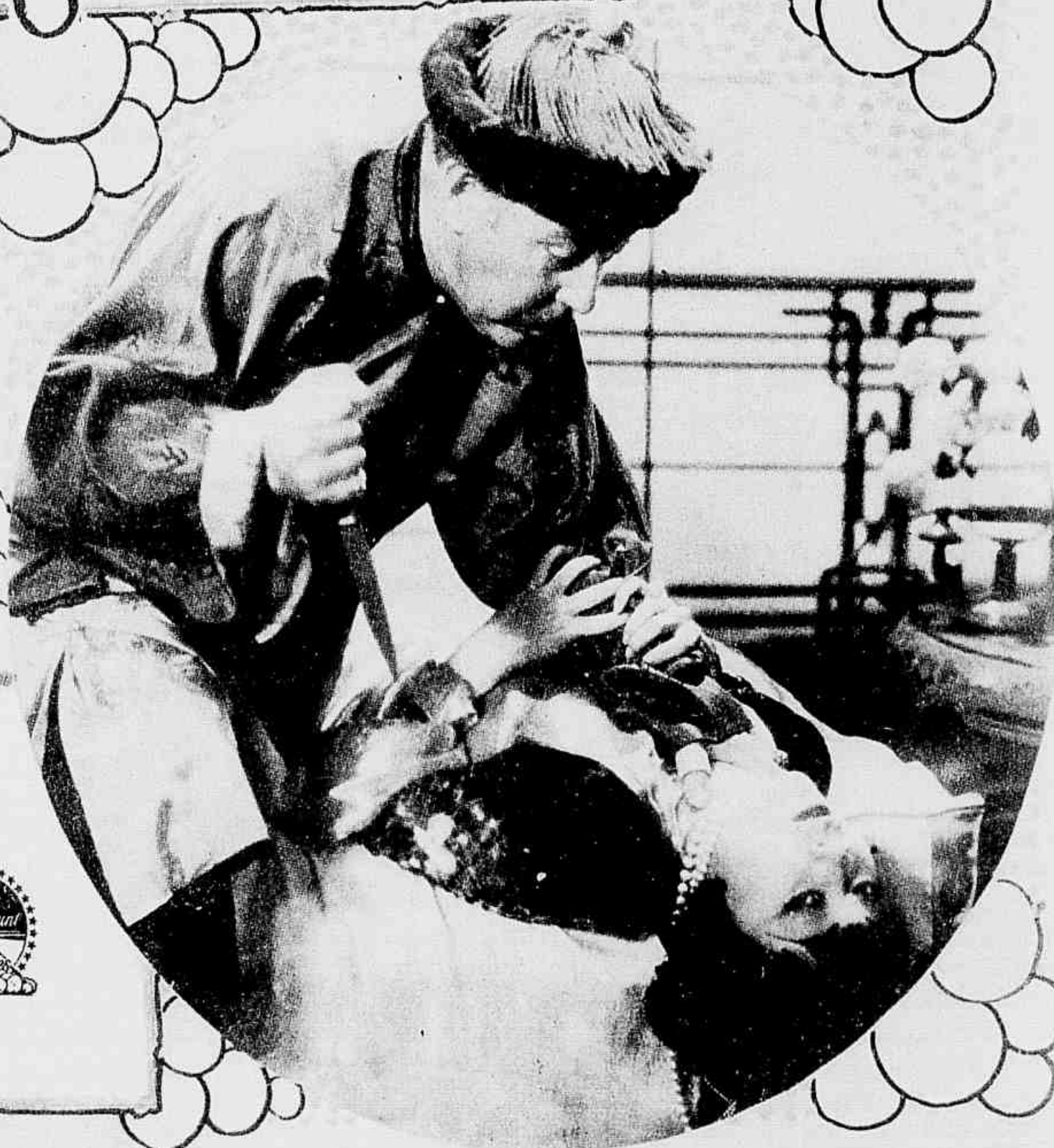
O Film soffre principalmente por ter dois directores. William Cameron Menzies e Kenneth Mac Kenne, peores do que em *A Aranha* (se bem que este Film seja anterior áquelle), mostram que sós, poderão ter valor, mas juntos, serão sempre soffriveis, apenas. A historia não é nova e tem, mesmo, muita cousa esperada e conhecida. Lewis Stone é o elemento masculino mais evidencia e sahe-se como sempre esplendidamente. Paul Cavanagh, John Garrick, Beryl Mercer, Frederick Kerr e Lumsden Hare, figuram.

Elissa Landi tem futuro e bem aproveitada será ainda uma sensação.

Argumento de Kate Mc Laurin com scenario de Lynn Starling.

Cotação: — REGULAR.

Janet em "Mary Ann"

a Paramount
APRESENTA SEUS 3 PROXIMOS TRIUMPHOS:
Paramount Pictures
Constance BENNETT
em:
MODELO de AMOR
"THE COMMON LAW"
A PRIMEIRA ELEGANTISSIMA SUPER-PRODUÇÃO DA
RKO PATHÉ
Claudette COLBERT
Paramount Pictures
em
SEGREDOS d'uma SECRETARIA
"SECRETS OF A SECRETARY"
A FILHA do DRAGÃO
"DAUGHTER OF THE DRAGON"
com
ANNA MAY WONG
SESSUÉ HAYAKAWA e
WARNER OLAND
Paramount Pictures

Já viram Miriam em "Tenente Seductor" e "24 horas"?

Miriam...

Como alguem que a conheceu nos seus tempos de ingenua — e ella o foi como poucas! — convenço-me de que a mudança de Miriam Hopkins, para vampiro, é uma das cousas mais formidaveis e inexplicaveis de Hollywood e da propria historia do Cinema.

Se o leitor me perguntasse — vamos, seja camarada e pergunte!... — quaes as maiores sensações do Cinema falado e quaes aquelles que soffreram mais rapida ascenção, eu citaria Clark Gable, Edward G. Robinson, alguns dois ou tres, mais, acabando por votar em Miriam Hopkins sem preambulos.

Ha um anno atraz — com todo respeito que apesar disso ella merece — Miriam Hopkins nada mais era do que uma simples loirinha á espera da sua chance. Eu comprehendi, num relance, conhecendo-a como a conheço, que a sua opportunidade viria a ella poria em demonstração a sua qualidade preciosa de verdadeira artista e grande personalidade.

Do dia para a noite, a mariposa fez-se borboleta. Hoje ella é uma mulher adoravel, sensual, fascinante como poucas e cheia de attractivos physicos que a fazem ainda mais esplendida. Uma ameaça, em summa, á qualquer grande *estrella* em cujo trabalho tambem figure. Não é para ninguem se admirar se o fim de 1932 a encontrar *estrella*. Ella tem andado vertiginosamente e tem merecido essa rapidez.

Por que? Porque Miriam Hopkins conseguiu sensualismo, fascinação, dotes e attractivos pessoaes e aquelle mysterioso "que" que os homens não resistem. E isso lhe tem dado um violento successo Cinematographico.

Miriam Hopkins foi a pequena, ainda sem grande opportunidade, que deu o que fazer á um vulto como Maurice Chevalier, em *O Tenente Seductor*, quasi lhe roubando o Film nos seus trechos. E' dessas que precisam de urgente exame sob microscopio, não acham?

A primeira vez que a vi, representando foi na revista *The Music Box Revue*, de Irving Berlin. Não a reparei, confesso. Miriam tinha acabado de chegar de Savannah, falando com um accento horrivel e sendo apenas uma corista.

Mas ella era bonitinha e engraçadinha. Teria dezenove ou talvez me nos annos de idade. Era mais magrinha do que gordinha. Em 1922 os carécas que enchem os theatros de revistas preferiram nas magrinhas...

Pouco durou ella como corista. Logo se passou para o theatro authentico. Começou então a sua vida como simples ingenua, na Broadway.

Jamais me esqueço do dia em que ella fez o seu primeiro papel de real importancia, na Broadway. *The Garden of Eden*, era uma traducção do allemão e o empresario Arch Selvyn tinha pago bom dinheiro pela mesma. Isto foi em 1925 ou 1926, não me recordo bem.

O papel pedia uma pequena moderna, talvez um pouco sobre o audacioso, e no climax do terceiro acto — e o era, realmente... — a pequena rasgava todas as suas roupas, num gesto de desafio ao villão, e, diante delle, permanecia, desafiadora, apenas em... (de que chamaremos aquillo que sobrava, hein?...). Apenas apoiada na defesa da sua innocencia quasi infantil.

Foi este papel que Miriam teve. Chegou o tal momento. O que foi que o vestido rôto revelou? Ora... uns ossinhos, hombrinhos mal desenvolvidos e umas pernas positivamente magras. O momento principal, portanto, tornou-se o mais bocejante. Ainda que mais ella se despisse, o principal momento continuaria ainda assim bocejante...

Conto isto, porque era Miriam Hopkins a artista que assim desilludia nesse papel. Nenhuma attracção. Nenhum encanto. Nenhuma fascinação. Eu concordei que ella não tinha futuro algum no palco. *The Garden of Eden* morreu num instante e Miriam Hopkins, nella, tambem dada a impressão de morrer para sempre...

—oOo—

Depois disso começou a ter papeis regulares, uns, soffriveis, outros, bomsinhos, ainda outros. Mas as peças fracassavam sempre e ella começava a entrar no periodo desanimante de toda artista.

— Miriam Hopkins?... Ah, sim!... Pequena engraçadinha...

Era assim que a commentavam. Isto de Miriam Hopkins antes do seu periodo sensual e fascinante. Competente, bonita de rosto, mas absolutamente sem attractivo algum desse que torna uma mulher mundialmente famosa como Greta Garbo ou Marlene Dietrich.

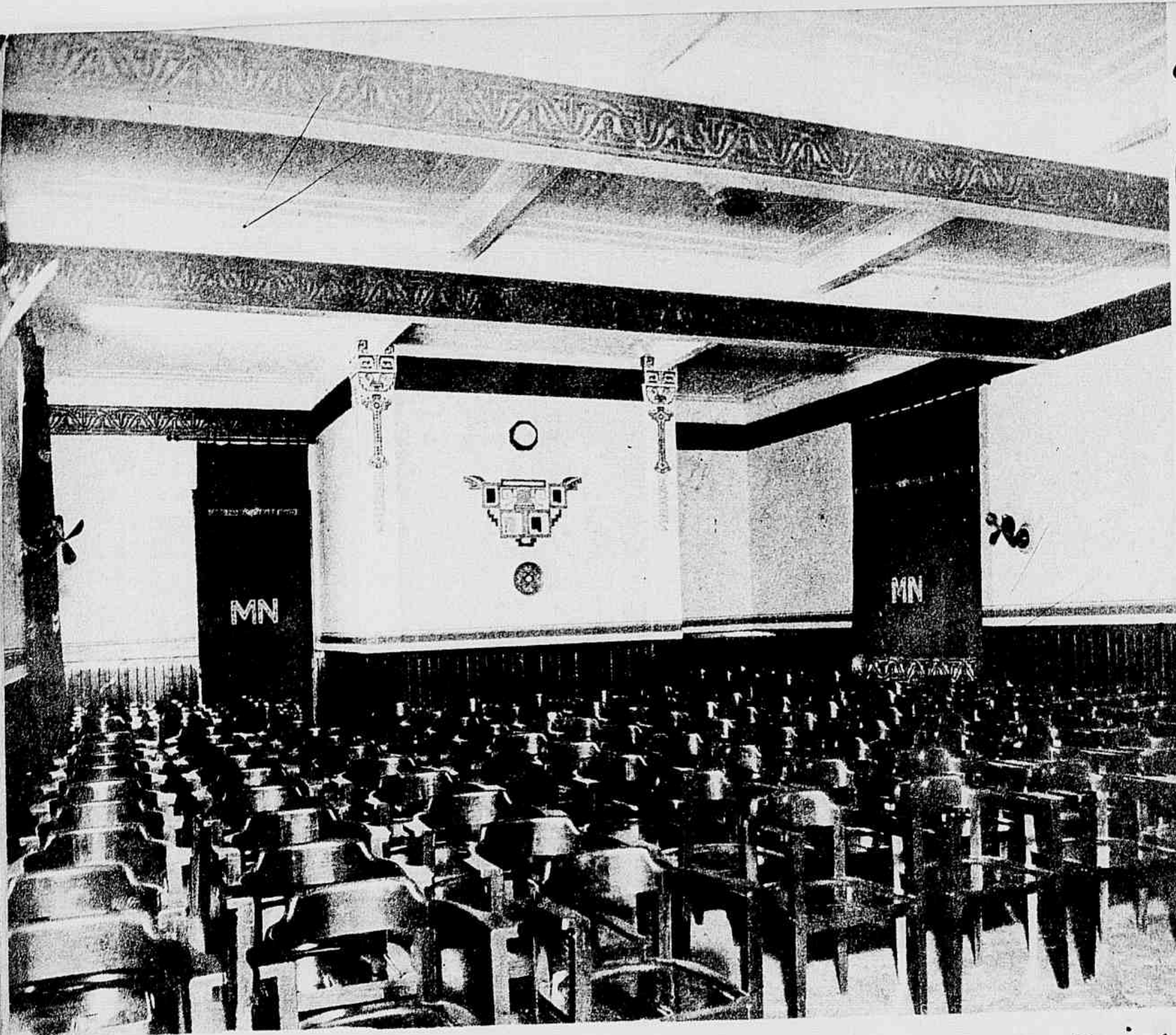
Via-a em festas e conversavamos muitos, contando casos engraçados e rindonos de varias cousas interessantes que ella sabia contar com muita graça e intelligencia. Em casa, não poucas vezes, eu me espantava sinceramente por não poder comprehender a razão dos continuos fracassos de Miriam Hopkins.

Miriam e Phillips Holmes em "Two Kinds of Women"

E foi assim que elal proseguiu caminhando a sua estrada pouco amiga e pouco agradavel no caso do successo. Casou-se com Austin Parker, o escriptor (e separaram-se quasi que em seguida). Depois recebeu ella um chamado do Cinema.

Sem trabalho, sem reclame e sem escandalo, Miriam Hopkins figurou em *Fast and Loose* (ainda não exhibido aqui no Brasil) que nasceu nos Studios de Long Island, New York e morreu pelos Cinemas do mundo todo.

Era a impressão da repetição Cinematographica dos seus fracassos theatraes...

(Termina no fim do numero).

Um aspecto do salão de Conferencias e Films do Museu Nacional (Salao Marajó) — Deve-se ao Dr. Roquette Pinto a organização da sua Filmothéca, que se póde chamar de admiravel em vista dos recursos que dispõe e a falta de consideração ao muito que póde fazer o Cinema pelo paiz.

Um Cinema

— Megatherium.
— Cephalopodos.
— Orthopteros.
— Myxomycetos.

Eram cousas que me mettiam um medo horrivel!... Cheguei a sonhar que minha professora chamava-se Megatherium e casava-se, batendo a ossada fossil, com um verde e franzino Orthoptero... Eu era o padrinho. A solemnidade cheirava a Idade da Pedra... O padre era o meu professor de Historia Natural, um cavalheiro ossudo e lustroso de oculos mais grossos do que fundo de garrafa... E falavam só em "theriums" e "optheros"... Era uma cousa medonha! Despertava. Ainda trazia o susto no primeiro bocejo... Depois tomava café. Ia ao escriptorio. Punha os livros na pasta e ainda comendo um pedaço de pão com manteiga, corria para pegar o bond das seis e meia...

As aulas eram longas, insipidas, extenuantes.

— Abram o livro á pagina 18!...

Abriamos.

E emquanto os profundos conhecimentos do professor explicavam o que era ser batracchio, na vida, o Sylvio, á esquerda, lia uma carta da namorada. O Frederico uma noticia qualquer de "football". O Diamantino o seu preferido romance de capa e espada. O Felix lia Nietsche, do qual era irreverente discipulo e eu, com o meu Cinema inseparavel, aquelle momento aproveitava para correr os olhos pela minha revista predilecta. O Jorge, "pince-nez" com aros de tartaruga, sério, era o unico que levava os "batracchios" a sério...

Ha dias eu pensei, seriamente, no "porque" daquelles nossos bocejos. Na razão daquella nossa preguiça. Por que seria a aula de chimica assistida com toda attenção e a de Historia Natural sem nenhuma?... Por que todos preferiam lidar com os apparelhos de physica do que prestar attenção ás explicações sobre botanica ou zoologia?...

O laboratorio agitava-se. Faziam-se experiencias. Misturavam-se drogas. Operavam-se reacções. Havia movimento. Acção. Interesse. Sendo de Cinema, direi, com propriedade: — eram aulas Cinematographicas...

O mesmo dava-se quando iamos aos apparelhos de physica.

Com a Historia Natural, não. O estudo limitava-se ás gravuras do livro, á dureza das palavras escriptas e fixas. A' monotonia da explicação erudita, sem duvida, mas enfadonha, do mestre.

Não tinha interesse, tambem, o estudo anatomico feito naquelles inexpressivos modelos de massa. Custei a crer que, rasgados, fossemos como um certo modelo que tinhamos na nossa sala de Historia Natural ao qual demos o nome de Agapito, porque só mesmo alguem que se chamasse Agapito poderia ser assim, interiormente... Custei a acreditar! Era impossivel! Havia mais veias do que sangue... Mais nervos do que cabellos... E o coração do Agapito era antipathico... O figado, insupportavel... E os rins?... Cheguei a desconfiar que o Agapito fosse um reles alcoolatra... Todos duvidaram. Eu, então, era de todos o mais rebelde. Dava-se isso com o Agapito, com um corte de pulmões que tambem tinhamos e com uma peça de demonstrava o movimento arterial, tambem em massa colorida onde cada tom tinha uma significação. Sempre fui incredulo e partidario incondicional de S. Thomé...

Por que?

A razão é simples e a mesma, sem duvida, de muitos outros estudantes que não crêm. Tudo era insupportavelmente parado. Fixo. Immovel. Desinteressante...

O resultado foi ter passado com distincção em materias Cinematographicas, ou sejam, as de movimento. Plenamente em calculos e demais complicações. Simplesmente nessa coisa toda que eu via mas custava a acreditar... Fui reprovado em philosophia, porque nunca acreditei em philosophos.

——oOo——

Annos depois, já occupando, na vida, uma sala de frente e querendo merecer, do que estudára, o pagamento ao menos do que me custára o sacrificio, assisti, num Cinema bom, sem querer, um Film educativo.

Era sobre o sangue.

Ahi acreditei naquelle systhema arterial demonstrado em massa e tintas. Mas acreditei, porque vi! Vi o sangue ao microscopio. Vi agitação. Vi movimento, vida! Vi o rythmo das pulsações cardiacas. Vi os microbios varios que affectam o sangue. A influencia dos mesmos. A acção delles contra a vitalidade do individuo.

Vi!

Acreditei.

Tornei-me, dahi para diante fan espontaneo de mais esse genero de Cinema: — o educativo. Explicações photographicas, movimentadas e vivas, de palavras escriptas e inexpressivas. E foi então que eu lastimei profundamente a ausencia, em nosso collegio, de um apparelho de projecção. Se, tempos depois do estudo, eu achava interesse, vendo em Film, em cousas que eu repudiára quando estudante, de quanto não nos teria valido aquelle mesmo apparelho se o tivessemos quando ainda eramos do livro e das aulas?...

Eu achava, sempre, que o que atrapalhava o estudo da historia natural era o numero excessivo de "ypsilons" e "zês"... Numa tela de Cinema, no emtanto, esse proprio excesso torna-se sympathico.

——oOo——

Um dia, a convite de um amigo, visitei o Museu Nacional e percorri, com o mesmo, seus departamentos todos cuidadosamente arranjados, interessantemente dispostos.

Vimos bichos empalhados. Esqueletos. Curiosidades de todas as especies. Trabalhos interessantissimos de indios. Todo pavimento superior até pararmos, estarrecidos, diante do aerolitho que, cahido num determinado logar da Bahia, fôra transportado para o Museu como raridade. Olhamos. Segundos depois trocamos um mudo olhar. Eu disse ao meu companheiro, quasi pallido:

— E se isso cahe em sua casa ?...

— Interessante ! Era o que eu estava pensando... se cahisse na sua !...

Rimo-nos. Ali perto havia uma sala. Fomos vel-a. Cadeiras em certa quantidade. Diante dellas um palanque. Uma moringue e um copo.

— Sala de conferencias !... Fujamos !...

Disse o meu amigo e fugimos, realmente.

A idéa nossa, foi a dos momentos passados, quando tambem tinhamos diante de nós uma moringue e um copo e ao lado da moringue e do copo... o professor... Sentimos o cheiro de palavras complicadas. Invadiu-nos o pavôr dos "ypsilons" e "zês"... Sahimos.

Se nos tivessem dito que o Museu Nacional tinha uma sala de exhibição e varios Films, além de uma cabine perfeita aninhando um projector de sangue azul, teriamos rido, com certeza...

——oOo——

Tambem pensei que o director de um Museu fosse um cavalheiro magro, pelle de pergaminho, tosse secca de setenta e poucos annos de idade... Desses que tomam café impreterivelmente ás oito e quarenta, depois de um reconfortante banho frio e, em seguida, sahem para dar um passeio de tantos kilometros certos pelas redondezas. Cavalheiro de oculos, bengalão, fraque, chapéu côco. Imaginei tudo isso. Pensei, para essa figura, um Lucien Littlefield.

——oOo——

CINEARTE soube que o Museu Nacional tinha uma Filmotheca e um "Serviço de Assistencia ao Ensino". Interessando-se, como sempre se interessou, por qualquer cousa que se refira a Cinema, seja Cinema-diversão ou Cinema-educativo, immediatamente resolveu escalar um reporter para ir averiguar tudo relativamente ao assumpto que interessará a muitos leitores, sem duvida.

O escolhido fui eu.

Confesso que me assustei. A idéa do director vibrou ainda com mais força no meu intimo. Cheguei a vel-o, limpando os oculos de aro de ouro no lenço de seda e dizendo, compassado, varando-me com seu frio e sério olhar:

— Cinema, aqui ?... Mas quem foi que lhe disse isso ?... Menino, aqui é cousa séria, entendeu ?... Cinema é para crianças ! Museu é para gente séria e gente que se quer illustrar !...

Cinematographicamente, ainda, forjei o meu encabulamento diante da resposta. Rolando o chapéu entre os dedos. Sahindo, depois de muitas desculpas pedidas com a lingua enrollada. Dando com a cara na porta, ao me voltar. Tropeçando no capacho e descendo pelas escadas, em vez de chamar o elevador...

Tudo isso pensei em segundos.

Mas fui.

——oOo——

Perguntei o rumo na portaria. Tomei o elevador. Desci. Procurei o dr. Director do Museu Nacional.

Encontrei o dr. Roquette Pinto. Moço sem aspecto de funccionario. Sem oculos de aros de ouro. Sem bengalão. Sem chapéu côco. Nem fraque.

Um homem intelligente, moderno, activo, perfeitamente 1932: — comprehendendo o valor do seu officio e exercendo-o com a alma.

Suas primeiras palavras, depois de saber sobre o que me interessava, foram mais ou menos estas:

— Um Museu moderno, sem Cinema, não é Museu. A' exposição fixa deve seguir-se, sempre, a exposição animada. O Cinema, aqui, completa o ensino e não pode aqui existir sem os varios outros departamentos que temos enchendo todas as nossas salas. Mas essas mesmas salas, sem o auxilio capaz e admiravel do Cinema, nada seriam, tambem. Depois de assistir um trecho de aula sobre o polvo, por exemplo, vendo-o frio e inanimado, verão os alumnos esse mesmo polvo em movimento, pelo Film. Eis a funcção do Cinema, dentro do Museu e é imprescindivel, convenhamos.

Ainda que eu, possivelmente leigo em varios assumptos ali expostos, não desse a attenção devida ao verdadeiro valor da organização e do methodo que ha dispersos por todos os recantos do Museu, para mim bastaria a organisação Cinematographica.

A conversa que se seguiu, com o dr. Roquette Pinto, garantiu-me ainda mais a primeira impressão que delle tive. Elle conhece o verdadeiro valor do Cinema como propagandista e educador. Comprehende, nitida e intelligentemente, aquillo que poucos querem acreditar, depois que se formam e galgam uma posição de responsabilidade, diante da qual a pequenina palavra "Cinema" passa logo a ser vulgar e infantil... Mostrou-se interessado pelo andamento do Cinema Brasileiro. Crê no exito e no futuro deste Cinema que tem lutado tanto e apenas hoje recebe o alimento de um vento a favor. Sabe o que esse mesmo Cinema pode fazer pela nossa patria e é facil notar, pela sua agradabilissima proza, que nada interessante escapa ao seu estudo e por isso mesmo nota-se, pelo Museu todo, uma ordem sadia e agradavel, um gosto constante de melhoramento.

Não só não me disse o dr. Roquette Pinto aquillo que eu imaginei que me dissesse o director do Museu Nacional, se elle fosse o Lucien Littlefield que imaginei, como, principalmente, captivo tornou-me da sua gentileza e do seu acolhimento sympathico ás minhas perguntas em nome de CINEARTE. Elle é tambem director da Radio Sociedade do Rio de Janeiro, que tão amiga tem sido do Cinema Brasileiro e, tambem, de toda campanha elevada e digna e isto, para os que apreciam Radio, é o sufficiente.

——oOo——

Mostrou-me elle, detalhadamente, a secção que presta o "Serviço de Assistencia ao Ensino" e, ainda, o salão de Conferencias e Films "Marajó", aquelle do qual fugi, sem o ver detalhadamente, todo decorado em puro estylo Brasileiro e Marajó como indica o nome. A cabine de projecção é munida de um esplendido apparelho Krupp Erneman... O archivo de Films, imbutido na parede e guardado por uma cortina de aço, contém mais de 150 pelliculas todas cuidadosamente enlatadas e numeradas. *(Termina no fim do numero)*

Alumnos do Professor Cesar Salles no salão de projecção do Museu Nacional, que possue a melhor Filmotheca educativa da America do Sul. O Brasil não é tão atrazado assim...

(THE GREAT LOVER) — FILM DA M. G. M.

Adolphe Menjou . . . . *Paurel*
Irene Dunne . . . . *Diana*
Neil Hamilton . . . . *Carlo*
Olga Baclanova . . . . *Savarova*
Ernest Torrence . . . . *Potter*
Cliff Edwards . . . . *Finny*
Hal Hamilton . . . . *Stapleton*
Rosco Ates . . . . *Rosco*
Herman Bing . . . . *Losseck*
Else Janssen . . . . *Me. Neaumann Baumbach*
Director: — HARRY BEAUMONT

— Senhores !

Disse o agente de publicidade, apontando para o local, onde se achava Jean Paurel, o mais famoso e mundialmente celebre dos barytonos.

— Não lhe perguntem nada sobre mulheres. Está em descanso... Este anno, positivamente nenhum caso de amor !...

Os jornalistas dirigiram-se á porta para a entrevista e os retratos costumeiros. Afinal de contas, Jean Paurel, idolo dos amantes do theatro lyrico, era, antes disso, idolo de todas as mulheres e mais feroz imaginavel de todos os conquistadores. Aquelle anno, no emtanto, a publicidade resolvêra pol-o como Catão, não lhe consagrando siquer um caso de amor...

Do outro lado da parede, Jean Paurel dava o laço da gravata não sem prestar attenção ao borborinho que faziam os jornalistas em conferencia com seu agente de publicidade. Aliás na gravata estava um dos grandes segredos de Jean Paurel e, por isso, não deixava elle de cuidar esmeradamente daquelle celebre particular que já merecêra artigos e mais artigos de jornalistas consagrados, mesmo...

Voltando-se para a porta, cantarolava elle um trecho do *Don Giovanni*. Parou. Do quarto vizinho vinha uma voz de mulher. Cousa engraçada, era, tambem cantarolada, a resposta ao trecho da mesma opera que elle murmurára, ainda ha pouco. Paurel sorriu.

— Que voz ! Que ardor ! Que cousa estupenda ! Gostaria de conhecel-a, palavra...

Deu ao assumpto, no emtanto, um pensamento secundario. Pensou num relance nos physicos avantajados que são a cousa mais normal ás cantoras e, assim, preferiu não querer conhecer o original.

O encontro com os jornalistas foi breve e tumultuoso. Fizeram-lhe innumeras perguntas. Elles proprios formularam as respostas. Bateram-se chapas. Dali para diante, Jean Paurel foi seguido, até á escada de desembarque, por uma verdadeira multidão.

— Terminou a entrevista, meus amigos !

Disse o agente de publicidade. Paurel não dissera mais do que duas palavras. Tinham materia para tres columnas, no emtanto... A sua fama era tudo.

—oOo—

Um marujo indicou-lhe, gentilmente, o local onde devia encontrar suas malas que estavam sendo examinadas pela alfandega. Ao passo que para lá se dirigia, Paurel teve sua attenção attrahida por uma mulher realmente bella que tambem esperava ao passo que os encarregados da alfandega examinavam suas malas. Ao passo que elle se encaminhou para o local, ella lhe lançou um olhar cheio de interesse. Paurel sorriu comsigo mesmo e levou instinctivamente os dedos ao bigode, arrumando-o.

— Pardon, mademoiselle... Mas eu estava justamente procurando lembrar... Sim ! Onde foi que nos encontramos ?...

— Que boa memoria... Nós nunca nos

encontramos senhor ! Mas eu não deixo de saber quem o senhor é.

— Muito attenciosa, mademoiselle... E' americana, não é ?

— Descobriu pelo meu modo de pronunciar qualquer cousa em francez ?

— Não, absolutamente ! O seu francez é tão perfeito quanto o de um nativo.

— Um nativo de Ohio, quer dizer...

Riram-se. O encarregado, naquelle momento, revolvia peças da delicada *lingerie* da interlocutora de Paurel.

— Declarou isto, Madame ?..

— Certamente !

E voltando-se para Paurel.

— Se continua aqui, nada sobrará á sua imaginação...

— Mas a minha imaginação vae muito além do inspector, creia... Não acha que esta é a maneira mais encantadora de se travar conhecimento com uma senhora ?...

O eterno

O inspector deixou a *lingerie* e apanhou um costume cheio de brocados.

— E isto ?

— Um costume de opera.

— Canta operas ?

Interveiu Paurel, curioso.

— Estive estudando, na Italia. Venho, para ver se consigo uma audição dos encarregados do Metropolitan.

— E permittirá que a auxilie ?

— Sinceramente ? O senhor o fará ?

— Sim. Amanhã ás treze ! Mas... qual é seu nome ?

— Diana Page.

— Enchante !...

—oOo—

No dia seguinte, Stapleton, empresario do Metropolitan esperava a chegada do grande Paurel.

— Mas quando chegará Jean Paurel ?

— O seu criado telephonou-me e disse que elle aqui estaria em dez minutos.

— Bem. Temos tempo até meia noite...

O maestro Cereale entrou. Vinha nervoso.

— Signor Stapleton ! Estes ensaios tão mal... Per Baccho, ella vae pessimamente !

— O que ha, maestro ?

Entrou o secretario de Stapleton. Annunciou, rapido.

— Madame Savarova !

— Savarova ? Não a quero ver !

Madame Savarova, cheia de pelles, joias e adornos, entrou. Fez uma parada dramatica e gosou a dramaticidade toda do seu lance.

— Ah, Mr. Stapleton...

Beijou o empresario em ambas as faces. Num instante o empresario e o maestro deixaram-na aos cuidados de Finny, o agente de publicidade do theatro. Finny encarregou-se della.

— Vejamos... Madame começa como *Donna Elvira, em Don Giovanni*, não é ?

— Não ! Quero começar como a grande *Aida*, a unica *Aida*, aliás, que já prestou ! Cantei na America do Sul com enorme successo. Gritavam pelas ruas: — "Bravos ! Bravos ! Viva Savarova ! ! !". Aqui as noticias...

— Já as li duas vezes, Madame. Quando a puzermos na sua segunda apparição como *Aida*, annunciaremos noite de gala. "Savarova em *Aida*. *Soirée* de gala ! ! ! ".

— *Soirée* de gala ? Está bem. Quem cantará *Don Giovanni ?*

— Jean Paurel.

— Quem ? Paurel ? Nunca ! Não cantarei com elle ! Canalhão ! ! !

— Mas elle é um cavalheiro, Madame !

Savarova enfureceu-se.

— Cavalheiro ? Paurel ? Sei tudo a respeito delle ! O pae delle era cozinheiro. Não. Não cantarei com Paurel. Elle, o filho de um biscoiteiro ! ! !

— Mas elle é o nosso maior *astro,* Madame!

— E é você que me diz isso, seu... seu... seu bandido! Quero ver Stapleton. Não discuto negocios com um agente de publicidade de quarta especie!

E deixou Finny boquiaberto, dali sahindo atabalhoadamente...

——oOo——

Quando Paurel entrou, um joven sympathico e elegante, Carlo Sonino, ergueu-se e chegou-se para o cumprimentar, mas com qualquer cousa de resentimento nos modos.

D. Juan

— Monsieur Paurel... posso eu...

— Ah! Sonino! Como vae, então, o nosso barytino americano?

— Monsieur Paurel, poderá responder a uma pergunta?

— Se não fôr sobre a virtude das mulheres, sim.

— O senhor pediu a Mr. Stapleton que não me re-contratasse para esta estação?

— *Dio miõ!* Mas quem foi que o fez pensar isso?

— Penso, porque não comsigo vel-o.

— Acha, então, que é minha culpa?

— O senhor não gostou dos applausos que eu tive, da ultima feita.

— Ora, vamos...

— Todos, na companhia, affirmam que o senhor é que tem impedido conseguir eu verdadeiros bons papeis.

— Ora! Falatorios!!!

— Mas o senhor...

— Para lhe mostrar o quão errado está, Sonino, vou já a Stapleton falar a seu respeito.

Voltou-se e deixou Carlo sem uma expressão completa no rosto. Ainda assim encontrou-o Diana Page que acaba de chegar para o encontro que tinha marcado com Jean Paurel. Não o vendo, pois estava de costas, Diana lhe perguntou:

— Desculpe-me, senhor, mas está Monsieur Paurel?

Elle se voltou. Reconheceram-se. Mostraram-se amigos, logo.

— Carlo!

— Diana! Quando lhe disse adeus, em Milano, jamais pensei encontral-a de novo e tão perto...

— Sim, sei disso...

— Você não teve a sorte de vencer na Italia, não é? Veiu tentar a sorte aqui, com certeza.

— E você? Não se sente ao menos um pouco alegre de me tornar a ver?

— E você não comprehende o quão impossivel isso é? Mesmo que você tivesse a melhor voz do mundo...

— Pode ser que eu tenha. Na Italia disseram que minha voz...

Carlo tomou-lhe as mãos.

— Diana, não perca todo seu tempo e toda sua vida procurando um impossivel. Faça o que ha tanto eu lhe peço? Case-se commigo, sim?

——oOo——

No escriptorio de Stapleton, Paurel acabara de a todos contar o que fôra a sua agradavel estadia na Europa.

— E agora, amigos, quem vae cantar commigo na noite de minha estréa?

— Savarova.

— Savarova?... Não. Não! Não cantarei com ella. Ella diz horrores a meu respeito. Mentiras! Canta fóra de tom. Come cebollas! Não me serve!

— Ora Paurel, seja cordato. Porque vocês tiveram um complicado e infeliz caso de amor, ha annos...

— Não apparecerei num palco que a tenha diante do publico.

— E ella diz que não cantará tambem comtigo.

— O que? Ella diz que não cantará mais commigo? Traga-a aqui. Mostro-lhe que cantará comigo e logo!

— Meu secretario já foi á procura della.

Savarova chegou. A sua entrada foi novamente dramatica, exaggerada.

— Ah, *signor* Stapleton... Mandou procurar-me?

Vendo Paurel, estacou.

— Você!?...

— Giulia! Que surpresa agradavel...

Disse Paurel locomovendo-se até sua presença, sempre elegante.

— Eu...

Savarova deixou-se fascinar.

— Mas você está positivamente... positivamente exquisita, Giulia!

Savarova começou a ceder.

— Ora, Jean, foi com phrases assim que você me adoçou, dezeseis annos passados, lembra-se?

— Mas você lembra-se de cousas que vão tão longe? Naquelle tempo você era a mais adoravel das meninas que eu até então conhecera, Giulia. Hoje, no emtanto, encontro-a sempre moça e cada vez mais linda... Lembro-me da sua voz de ouro. Se me lembro!

Savarova deixou cahir dos olhos a confissão da derrota.

— Imagine que calamidade, Paurel. Madame Martucci vae ser forçada a cantar *Donna Elvira* ao teu lado...

— Martucci?!... Aquella sujeita ordinaria?... Nunca!!! *Signor* Stapleton, eu quero cantar *Donna Elvira.*

— Mas disseram-me que Madame não queria...

— Elle disse?...

Voltou-se ella para Finny.

— Eu sabia que elle iria fazer intriga... Não importa. Abrirei a estação com Paurel.

Stapleton voltou-se para o barytono.

— E que tal?

— Que tal? Optimo!

Piscou para Stapleton, abaixou-se para beijar as mãos de Savarova quando o secretario do theatro annunciou:

— Monsieur Paurel, desculpe-me, mas ha uma senhora que o espera lá em baixo.

Paurel voltou-se.

— Não vê que estou occupado?

Beijou as mãos de Savarova. Todos ali estavam satisfeitos com aquelle final. Finny exultou.

— Nos jornaes!!! Paurel e Savarova em *Don Giovanni!* Que sensação!!!

——oOo——

Na ante-sala, lá em baixo, Carlo ainda tinha, nas suas, as mãos de Diana. A pequena tinha aberto todo seu coração para elle.

— E' por isso, Carlo, que minha carreira é tudo para mim. Sei que posso triumphar. Basta que me dêm uma opportunidade.

— E por que não fala directamente a Stapleton?

— Não sei. O que sei é que conseguirei o que espero.

— Mas como?

— Alguem arranjará isso para mim...

— Quem?

— Jean Paurel.

Carlo poz-se de pé, admirado.

— Paurel?

— Tenho um encontro com elle, aqui.

— Perdeu o juizo, Diana? Paurel só ajudará a pequena que lhe... Você não conhece, em summa, a fama que elle tem com as mulheres?

— Pouco importa. Elle, commigo, foi, hontem, demasiadamente gentil. Eu sei que elle me ajudará.

——oOo——

— *Signor* Paurel não a pode attender, hoje. Está muito occupado.

Disse-lhe o porteiro, naquelle mesmo instante. O rosto de Diana encheu-se de desapontamento. Carlo não conseguiu occultar a alegria do seu triumpho.

— Vê? E' esse o seu delicado e attencioso amigo... Ora, Di, seja cordata, vamos! Vamos ao *lunch,* quer?

— Não. Não tenho appetite. Vamos ao parque, é melhor e lá raciocinarei melhor.

— Feito! Vamos.

Ouviu-se justamente naquelle momento a voz de Paurel. Diana parou e olhou para traz.

— Quando ouço cantar, fico tão feliz...

Paurel estava alegre. Cantava uma aria do *Don Giovanni,* a mesma que elle cantára a

(Termina no fim do numero).

O que realmente aconteceu a

Muitos moços têm vindos aos vinte annos para Hollywood e têm feito successo continuo, calmo, despreoccupado. Charles Rogers veiu como "Buddy" e "Buddy", afinal de contas, é um appellido infantil demais para alguem poder levar uma pessoa a serio, a menos que elle se imponha á força de vontade e caracter. Appellido desnorteantemente infantil, mesmo...

Mas Buddy ajudou a manterem-se curtas suas calças. Transpirava mocidade, anciedade, quasi innocencia. Ninguem achava possivel um rapaz assim, na vida, mas elle existia e a muitos deslumbrava.

Mas Buddy não percebia o que esse caracter "Peter Pan" ia operando nelle... Para elle, na sua bôa fé, Buddy era Buddy na Cidade Natal ou em Hollywood. Dedicado á familia, affectuoso, amigo dos amgios.

A Paramount trouxe-o para Hollywood, tirando-o da Universidade de Kansas, onde elle, sempre feliz e contente como é, regia a orchestra, nos dias de festa. Trouxe-o para a Escola Paramount de jovens artistas, uma escola que fracassou e deu nullos resultados, como qualquer escola.

Trabalhou elle em **Desafio á Mocidade** e, fazendo successo, ganhou um contracto como recompensa. Jesse L. Lasky declarou que elle era a "maior descoberta masculina de todos os tempos, no Cinema."

Hollywood gostou delle, dos seus modos de camponez e da sua radiosa alegria. O seu contracto fel-o feliz. Era dinheiro á vontade e socego, na vida. Mas elle nunca, apesar disso, deixou de arranjar a sua orchestrazinha para reger.

Buddy começou a gostar das pequenas, se bem que não quizesse, com ellas, ser um vulgar conquistador. Mas preferia o saxophone, o trombone ou o piston. Ahi começaram as apresentações aos grandes vultos do Cinema e foi essa uma cousa que tambem o encheu de satisfação.

Um dia, no emtanto, elle descobriu que as pequenas de Hollywood não eram como as pequenas de Olathe, Kansas, sua terra natal. Fumavam. Cigarros, em Olathe, são terminantemente prohibidos. Bebiam. E a bebida tambem é prohibida em Olathe. E o que era mais: — ellas, em Hollywood, quasi que pareciam o sexo forte, para elle...

Buddy gostava de dansar. As pequenas de Hollywood, tambem. Mas Buddy foi vendo que ellas dansavam de maneira differente. Em Olathe elle fazia successo com sua orchestra e o seu conhecimento musical. Em Hollywood, na disso interessava... As pequenas que o "flirtavam", apenas queriam uma symphonia, aquella que destruiu Sodoma e Gomorra... Buddy comprehendeu isso. A sua familia sempre foi methodista e aos domingos elle ia com toda familia á missa.

Perseguido pelas pequenas, medroso das situações nas quaes ellas o poderiam envolver, Buddy dellas se afastou. Preferiu a santidade do seu lar, onde, com a familia e alguns amigos, poderia viver longe do sensual campo de batalha que é Hollywood. Elle não dizia propriamente "não!", ás pequenas, tampouco "sim!" Um "talvez", provavelmente, quando sentia seu humor bom.

— Buddy Rogers?... Ora, elle é afeminado!

— E' tão delicadozinho...

Envenenava logo o outro.

— Corolinha que chora porque chegou atrazado para o côro da Igreja da aldêa...

Continuava ainda outro.

E era taes os commentarios que se começaram a fazer em Hollywood a seu respeito.

Em Hollywood vivia Claire Windsor, que é de Cawker City, Kansas, tambem. Sendo do mesmo Estado de Buddy (estado dos Estados Unidos da America do Norte, explico), naturalmente ella teria mais facilidade de tocar o coração do pequeno arredio.

Loira e linda, Claire, antes de mais nada, era perseverante. Appropriou-se rapidamente de Buddy e fel-o apaixonar-se loucamente por si. Certa vez elle foi para San Francisco, numa locação. O telephone do Hotel soâva continuamente, quasi. A's vezes que elle attendia, presente, do outro lado ouvia a voz branda e ardente de Claire. O romance delle e Claire puzeram-no a salvo de certas malignas opiniões de Hollywood. Hollywood o comprehendeu melhor, então. Mas foi então que a mãe de Buddy chegou do oeste. Hollywood ouvio e percebeu que a vinda della era para cortar, para sempre, aquelle laço amoroso que já ameaçava tornar-se serio...

* * *

Cresceram, promptamente, historias varias a respeito. Mrs. Rogers tivera uma conversa franca com Claire Windsor. Disseram, ainda, que ella fizera sentir a Claire a grande differença de idades entre ella e o filho. E que se discutiram outros pontos sobre a liberdade de Buddy.

Buddy nada disse. Claire fez confidencias apenas aos seus intimos. Mrs. Rogers partiu de volta. Buddy tornou a vestir calças curtas para toda Hollywood... Todos deram de hombro. Ninguem em Hollywood tem paciencia com o proximo e muito menos a teriam com Buddy, que assim se deixava dominar pelos seus parentes, como se fosse um simples menino de collegio...

Mary Pickford contractou Buddy para trabalhar ao l[illegible], della em **Meu Unico Amor**.

Mary e Douglas sempre foram os reis de Hollywood.

Buddy e seu maior amigo de então, Charles Farrell, começaram a terem convites para frequentar a decantada "Pickfair." E o menino de Olathe, Kansas, começou a galgar posição aristocratica, em Hollywood...

Melhorou a sua sorte até ao instante em que a Paramount, pelo seu departamento de publicidade tudo prejudicou, novamente, chamando-o de "o namorado da America", usando, para o masculino, o **slogan** de Mary Pickford.

A reação que isso, operou em Buddy, no emtanto, foi salutar. Elle marcou immediatamente um encontro com a pequena latina que o tinha chamado de "afeminado."

Preparou-se para o dia desse encontro. Fixou-se no odio que lhe davam os seus proprios titulos: — "afeminado", bonequinho, "namorado da America."

Naquella noite, Buddy não tinha muita confiança em si mesmo. Seu sangue fervia e seu coração batia, descompassado. Aquillo tudo lhe dava uma sensação estranha, porque seu temperamento calmo não estava acostumado a essas violencias.

Foi ao encontro. Quando o creado abriu a porta, deixando-o passar, num rapido instante elle se achou diante da pequena que tinha insultado a sua virilidade chamando-o de "afeminado." Seus olhos brilhavam, seu intimo rugia de colera.

Antes mesmo da pequena terminar o primeiro "hello!" com o qual o saudou, á entrada, elle a alcançou, apertou-a nos braços. Ella, quente, perfumada, não teve forças para reagir. Buddy, apertando-a cada vez com maior furor, disse-lhe, impetuoso:

— Sou "afeminado", hein? Vou mostrar-lhe quem o é...

Começou arrumando-lhe um tremendo beijo nos labios, desmanchando toda sua cuidadosa pintura.

— Mostro-lhe...

Charles Rogers

Ella, quando delle se livrou, algum tempo depois, disse, ainda chocadissima com a surpreza:

— Esfrie um pouco, pequeno! Você está peor do que um vulcão...

Mas teve elle culpa de não ter experiencia e tirocinio sufficiente, naquelle momento, para reagir, diante della, para a qual elle, hoje, é uma recordação?...

A' luz do dia seguinte, a Buddy ainda mais ridiculo pareceu, sem duvida, o fracasso da noite anterior.

Buddy, no emtanto, tinha sido perseguido. anteriormente. Uma certa **estrella**, cujo nome os poria admirados, se o soubessem, apaixonou-se seriamente por Buddy. Hollywood estremeceu de contentamento bisbilhoteiro quando soube o seu nome. Certa occasião, então, o contentamento tornou-se delirio: — ella tinha mandado a Buddy uma duzia de pyjamas de seda... E elle? Já usara pyjamas assim? Acceitara-os ou devolvera-os? Eis a pergunta que ficou até hoje sem resposta...

Um dia, no emtanto, elle viu, para bem delle, que as pequenas de Hollywood nem todas eram futeis, agressivas e sensuaes.

Encontrou Mary Brian.

Buddy provou sinceridade ao lado della. Correspondeu ella ás ambições musicaes delle. Buddy encontrou, nella, a pequena maternal e carinhosa, pura e decente que elle sempre sonhára.

Mas elle ainda não estava preparado para o casamento. Não se fixou apenas em Mary a sua attenção. June Collyer tambem mereceu sua consideração. Começou a cortejal-a. Em **Rio do Romance**, ambas trabalharam com elle. Situação difficil para resolver, sem duvida...

Para Buddy não o foi, no emtanto. Volveu elle os olhos declaradamente para June, e Mary ferida no seu amor proprio, dahi para diante não lhe deu mais attenção do que a qualquer outro collega.

Um dia elle manifestou a sua opinião sobre a vida, o amor e o casamento. Disse que gostára de Mary Brian, June Collyer e Florence Hamburger. Esta uma pequena da sociedade de Los Angeles. Mas disse, tambem, que nenhuma dellas era realmente aquella que lhe fará a felicidade. Pode ser que a encontre. Mas acho que ella, presentemente, não se encontra em Hollywood.

A Paramount vetou-o em papeis dramaticos. Mesmo depois de **O Segredo do Advogado**, a Paramount não o quiz em papeis dramaticos, muito embora nesse Film elle tivesse fumado o seu primeiro cigarro...

Hoje, em New York, ganhando quasi dez mil **dollars** por semana com seu trabalho no radio, no palco e ao lado de sua orchestra, Buddy pensa em modificar radicalmente a opinião de todos a seu respeito.

Hoje está com vinte e oito annos. Sua vida vae modifficar-se completamente. Buddy vae deixar o appellido para sempre sepulto. Será Charles Rogers e ainda ha de vencer de vez, seja a poder do seu saxophone ou seja a poder de novos e realmente bons papeis em Hollywood.

Charles é dos exercicios todas as manhãs...

Victor L. Schertzinger, tendo terminado o seu contracto com a RKO, acha-se disponivel. Annuncia-se, no emtanto, que em poucos dias será noticiada a sua nova afiliação.

* * *

Monty Banks, que figurou em comedias e dirigiu outras, principalmente na Inglaterra, onde ha varios annos se encontrava, chegando de novo a Hollywood, a primeira cousa que fez foi ficar longamente ao sol. Disse, em conversa com amigos, que em Londres, realmente, sol é anecdota...

* * *

A Turquia limitou a entrada de producções estrangeiras para facilitar o commercio de Films nacionaes. **Nas Ruas de Stanboul** foi o primeiro que elles fizeram e já estão fazendo outros. A quota é de 284 kilos de Film estrangeiro annuaes, apenas.

* *

Leon Poirier fundou a Societé des Films Leon Poirier e vae produzir dois Films falados, apesar de ter dito que não faria Film algum com voz: — **L'Etrange Aventure** e **Nuits de Folie.**

* * *

Jacques Feyder, que tinha sido contractado para dirigir **1940**, para a Pathé Nathan, em Paris, desistiu de fazer o Film e embarcou novamente para Hollywood.

* * *

Barbara Leonard fez annos a 9 de Janeiro. A 10, Douglas Mac Lean, Pauline Starke, Francis X. Bushman.

* * *

O grupo de directores da Universal, para 1932, reune os seguintes nomes principaes: — John M. Stahl, Hobart Henley, James Whale, William Wyler, Robert Florey, Edward Cahn e John Francis Dillon.

Barbara Leonard...

Chegou, foi vista e ainda não venceu.

Chevalier. Dizem que elle não é artista de Cinema. Ora essa!

Loretta Sayers...

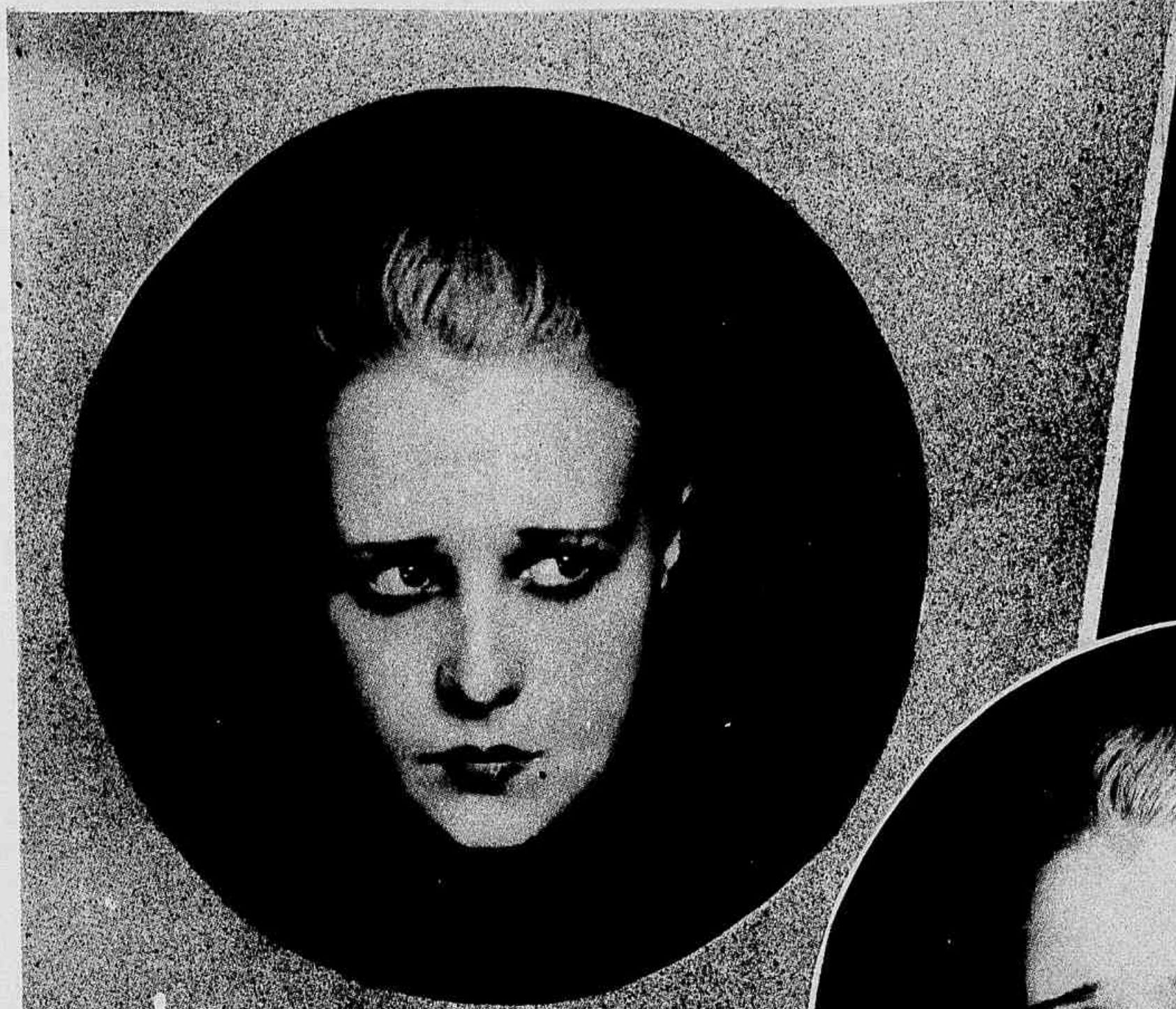
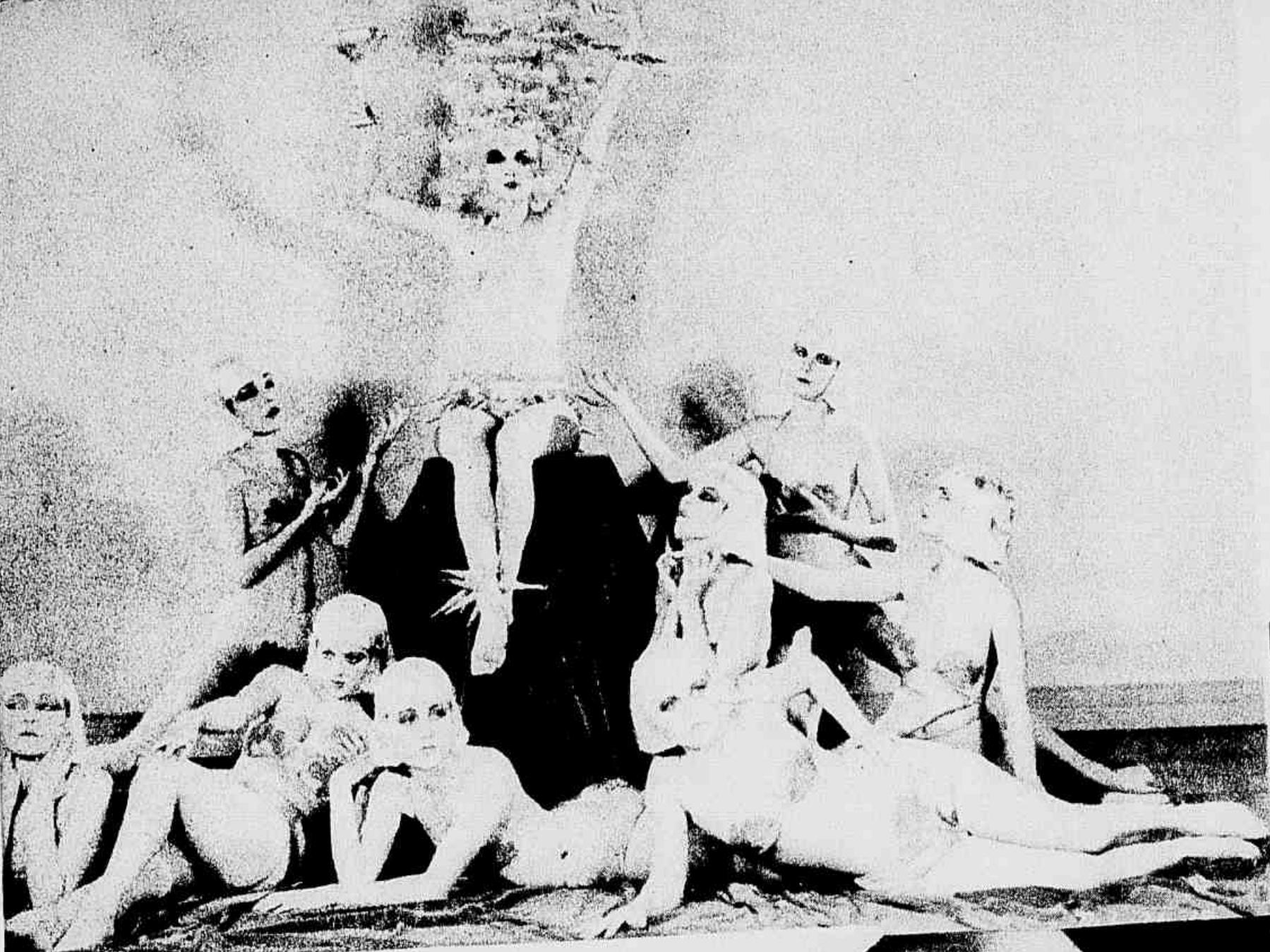
E' a pequena do film de Buck Jones...

ANITA
PAGE

MODELO DE

(THE COMMON LAW) — Film da RKO-Pathé

CONSTANCE BENNETT . . . . Valerie West
Joel Mc Crea . . . . Neville
Lew Cody . . . . Carmedon
Robert Williams . . . . Sam
Hedda Hopper . . . . Mrs. Clare Collis
Marion Schilling . . . . Stephanie
Paul Ellis . . . . Querido
Walter Walker . . . . John Neville Sr.

Director: — PAUL L. STEIN

Quando Louis Neville já desanimava de encontrar a modelo que lhe convinha para pintar o quadro que seria a sua celebridade, appareceu-lhe no Studio, procurando emprego, Valerie West, uma pequena exquisita, intelligente e, principalmente, uma inspiração para qualquer pintor.

Neville expoz claramente sua situação.

— Preciso de uma modelo para posar núa. Acceita?

Valerie hezitou. Realmente, era a primeira vez que assim a queriam para modelo. Mas a sua hesitação durou pouco. Neville inspirava confiança e era além disso. extremamente sympathico. Acceitou o lugar e no dia seguinte apresentou-se para a primeira pose.

* * *

Em pouco tempo, amavam-se.

Valerie era tudo quanto sonhára Neville para esposa. Principalmente irmã de seus sentimentos artisticos e, dessa forma, fal-o-ia feliz, com certeza. E pouco durou a sua hezitação para pedir á modelo que se fizesse sua esposa.

Valerie sabia que aquella união não era possivel. Neville era distincto, filho de familia educada fina. Ella... bem, ella já soffrêra, na vida, aquillo que soffrem as mulheres que se deixam illudir uma e mais vezes pela argucia dos homens... E quando o encontrára e acceitára aquelle emprego, jamais pensára — e poderia jural-o! — que se viesse apaixonar pelo pintor.

Sam, amigo de Neville, peorou a situação. Uma vez encontrou Neville em companhia de Valerie. Depois, visitando-o, viu-o de novo. Comprehendeu, num relance, que se queriam e, amigo de Neville, achou dever seu prevenil-o sobre algo da vida de Valerie que elle não desconhecia.

— Quaes são tuas intenções com Velerie?

— Tornar-me seu esposo.

— Achas que ella merece isso?

— Acho.

— Conheces o seu passado?

— Não importa. Amo-a!

— Mesmo sabendo que ella já tivéra um amante?

— Neville exaltou-se. Sam terminou.

— Conheces o Carmedon?

— Sim.

— Já foi seu amante!

— Mentes!

— Não minto. Se achas que o faço, pergunta á propria Valerie e ella será realmente audaciosa se o negar.

Quando Sam sahiu, Neville fez o que lhe disséra o amigo. Perguntou a Valerie o que havia de verdade em todo seu caso com Carmedon.

— Foi meu amante.

Valerie respondeu sem hesitar, feliz por encontrar um motivo que talvez fizesse o rapaz desistir de se casar com ella, o que temia mais do que a morte, porque de antemão avaliava as dramaticas situações do seu futuro.

Neville sentiu-se enganado. Disse-lhe que Valerie lhe devia ter contado o passado.

— Para que?... Além disso, quando te conheci, jamais pensei que viesse este amor aos nossos corações...

Mas Neville preferiu não comprehender a situação de ambos. Seu soffrimento era intento. Separaram-se. Era a melhor situação, realmente.

* * *

Tempos depois, num baile de artistas ao qual Neville foi, Valerie encontrou-se com elle, rosto a rosto, ladeada por Querido, um typo latino, audacioso, que ultimamente a perseguia.

Vel-a, para Neville, foi alegria. Vel-a em companhia de outro homem, no emtanto, soffrimento cruel. Ostensivamente deixou o lugar e fugiu para seu Studio. Era mais do que intenso o seu amor pela criatura meiga e companheira que ella era e não podia mais supportar o soffrimento de ter deixado partir e, o que era peor, deixado partir para a companhia de outros, talvez.

Quando a porta se abriu e Valerie entrou, vindo para elle, no-

vamente, nada disseram. Amavam-se demais, desejavam-se demais para que tivessem forças para uma só palavra. Agarraram-se e beijaram-se estrangulando a saudade.

* * *

A manhã seguinte encontrou-os novamente juntos. Valerie lhe disse que não pensasse mais no passado. Pensasse no amor e na felicidade. Não obstruisse o caminho de ambos com o casamento. Ella nada mais devia ao mundo. Elle, tampouco, se é que a amasse verdadeiramente. Que vivessem juntos, portanto, sem um dia só pensar no futuro.

* * *

Nos Estados Unidos, Clare, irmã de Neville, estava ao par de tudo que se passava em Paris. A vida do irmão. O conhecimento com Valerie. A paixão de ambos. O rompimento. A volta della para a companhia delle e, o que era capital, a provavel união de ambos pelo casamento.

Sem perda de tempo, estrategicamente, Clare insinuou o irmão a voltar. Elle, feliz e contente, mais feliz e contente do que nunca, mesmo, resolveu concordar com a irmã e voltar... mas em companhia de sua Valerie. Esta hesitou a principio. Depois concordou. Partiram.

Assim que chegaram, Neville deixou Valerie num hotel e, indo para casa, immediatamente reentrou na sua vida antiga e promptamente poz-se a contar á irmã o quanto amava a criatura que em sua companhia viéra e o quanto almejava o mais cedo possivel fazel-a sua esposa. Clare comprehendeu, num relance, que inutil era insistir naquelle ponto. Comprehendeu na resolução do irmão e na firmesa de suas phrases. Mas achou a maneira de agir...

Dava-se uma festa no yacht da familia. Clare convidou Valerie e tambem convidou Carmedon, naquelle momento nos Estados Unidos e amigo da familia Neville por apresentação de amigos. Assim queria ella resolver aquella situação e assim provar ao irmão que a pequena não era digna delle.

* * *

Durante a festa, nada de anormal aconteceu Clare approximou Carmedon de Valerie. Ella, calma, supportou aquelle primeiro embate com bravura. Carmedon, ardente e já tocado de alcool, quiz immediatamente reencetar a sua côrte. Para Neville o choque não deixou de ser grande, mas a situação de Valerie, para elle, continuou sendo a mesma e, assim, não mais importancia deu ao caso.

Ao mesmo tempo, arguta, Clare approximava Neville o mais possivel da belleza e do nome cheio de fortuna de Stephanie, uma pequena que Neville namorára e da qual pensára mesmo gostar, antes de conhecer Valerie. Mas nada era certo, para Neville e apenas Valerie o preoccupava.

Bebado completamente, Carmedon, aproveitando um momento de descuido de Valerie, conseguio penetrar seu camarote, onde, ardente e alcoolisado, poz-se a lhe declarar eterno amor...

Valerie tudo faz para o pôr fóra dali, sabendo, como sabia, que era exactamente aquelle o momento que esperava Clare para a denunciar a Neville. Elle, no emtanto, ao ser por ella impellido para fóra do camarote, tomba e cahe examine, totalmente embriagado como está.

MOR

Ouvindo ruido, entram ali varias pessoas, entre as quaes, com grande agonia de Valerie, Clare e Neville. A situação é chocante. Retiram-se todos escandalisados com o que viam e Clare, intimamente, certa de que nada mais restava para liquidar aquelle caso.

Neville auxilia Carmedon ir para o seu camarote e desapparece sem siquer um olhar volver a Valerie.

Tudo prompto, ella deixou o yacht. Tomou a lancha. Ali nada mais tinha a fazer. Neville certamente não a perdoaria, nunca e ella voltaria á França, onde afogaria em absyntho ou cocaina, mesmo, a desgraça toda da sua vida.

A bordo da embarcação pequenina, um homem agarrou-a. Beijou-a. Depois lhe disse.

— Agora não me escapas mais! Vamos é para a primeira pretoria aberta e nos casamos já, para que "monsieur" Carmedon não mais se approxime de "madame" Louis Neville...

E a lancha desenvolveu, dahi para diante, toda a velocidade do seu motor possante.

Le plus beau, c'est tout
[l'temps pour ma mere
Le plus moch' c'est tout
[l'temps pour mon pere...

Era o Bolinha... Elle cantava e todo mundo applaudia Vendia elle a sua canção e deliava os que o ouviam.

* * *

Dias depois, havia um importante certamen sportivo, em bicycletas. A famosa corrida dos seis dias. Bolinha e Lulú combinaram encontro. O unico problema era "penetrar": disso já cuidava o Bolinha na vespera...

Afinal, depois de muito custo, consegue elle o logar almejado para, em companhia de sua querida Lulú, assistir ao certamen.

Passou por massagista, deu pulos e corridas, mas o essencial realisou: — "penetrou"!

(Le Roi des Resquilleurs) — Film da Pathé-Nathan

GEORGE MILTON
Mady Berry
Pierre Nay
Kernz
Hélene Roleert
Hélene Perdrieres
Director: — **PIERRE COLOMBIER.**

* * *

Bolinha não encontrava barreiras. "Penetrava"... Era, mesmo, sem favor algum, o "rei dos penetras"... Onde houvesse diversão, lá estava o Bolinha! Nas sportivas, então, era infallivel. Todos o conheciam. E a sua fama já ameaçava correr mundo como celebridade...

Na ultima importante prova pugilistica á qual comparecera, encontrara-se e travara conhecimento com duas pequenas esplendidas: — Lulú e Arlette.

Dansou. Fel-as tomar refrescos. Pol-as certas de que ella era um perfeito cavalheiro. Na hora do pagamento das despesas, no emtanto, Bolinha soffreu as angustias mais crueis... Dinheiro, não tinha. E, sinceramente, ainda não tinha encontrado um meio e um geito de conseguir gastar sem pagar, da mesma forma que "penetrar" sem pagar.

Lulú e Arlette, no emtanto, atormentavam-no. Não podia fazer fiasco. Precisava arranjar um meio, fosse elle qual fosse. Veiu-lhe uma idéa e usando-a, como usava, aliás, todas as que tinha e lhe vinham ao cerebro, salvou-se á custa de um desconhecido o qual convenceu que era "amigo intimo"... Estava salva a sua honorabilidade, portanto e elle continuava galá junto a Lulú e Arlette...

Lulú apaixonou-se por elle e elle por ella. A figura delle, sempre risonha, sempre contente, não mais sahiu do seu cerebro. E passou elle, para Lulú, por um verdadeiro e genuino principe encantado...

* * *

Na Feira de Paris, entre aquelle borborinho todo, ouviu-se uma voz:

— Le pot de pétunia,
C'est pour mon papa,
mais les gros diamants,
C'est pour ma maman.

O Rei dos

Todos o consagraram em pouco o heroe do dia. Bolinha cantou, fez uma serie de maluquices e tornou-se num instante o querido, ali. Terminado o seu

successo, no emtanto, sentiu-se inexplicavelmente mais sentimental do que nunca e, num arrebatamento, pediu a mão de Lulú em casamento.

Ficou noivo e foi á primeira visita de noivado, todo posto num terno alinhado. Mas a mãe de Lulú, no emtanto, não o reputou um bom partido. Bolinha era lá nome que usasse! Além disso elle era cantor e vagabundo e isso não servia para marido, indiscutivelmente.

Era o primeiro "contra" que levava da sogra. Mas Bolinha era persistente e se penetrar em logares complicados era materia de minutos, para elle, "penetrar" na casa da noiva era materia secundaria...

Havia o jogo de **football** Inglaterra vs. França. Para "penetrar", Bolinha, que assim queria curtir a saudade de Lulú, passou pelo celebre Rabasson. "Penetrou", não ha duvida, mas sahiu-lhe cara a brincadeira...

Esqueceu-se elle de que Rabasson era um dos melhores jogadores do mundo e, como tal não podia deixar de jogar. Apesar de profundamente nervoso, Bolinha é forçado a entrar em campo, incorporado ao **team** francez, passando pelo Rabasson.

Apesar de tudo quanto elle soffre, durante o jogo, consegue sahir-se com sorte e, afinal, garante a victoria aos francezes num golpe que elle nem mesmo saberia explicar.

Era o successo final. Sahe do campo carregado em triumpho e todos só exclamam o seu nome.

Mas disso nada se compara com a sorte delle. A sogra permitte que elle se case com Lulú, porque agora elle é famoso e conhecido. E quando ella se distrahe, naquella noite mesmo, Bolinha furta, da noiva, os dois primeiros e mais gostosos beijos de toda sua vida.

penetras...

SUSAN LENOX

(Continuação do numero passado)

Mas ainda olhava para a janella do quarto occupado pelo Rodney. Talvez... Resolveu-se. Foi procural-o. Achou-o apromptando-se.

— Sim, eu me vou, tambem. A chata vae subir o rio. Agradecido por vir me ver... Então vae casar, não é?

— E isso não lhe importa?

— Importa-me, sim. E' por isso mesmo que eu me sinto contente, hoje. Sei que vae ser feliz e viver decentemente.

Ella se chegou a elle.

— Você não quer regressar ao seu paiz? Ha uma escuna que larga esta noite. Por que não irmos nella, os dois?

Elle se voltou e continuou arrumando o que faltava....

Esta amargura que injectámos um no outro, tem-nos feito bem, garanto. Nada nos pode separar, Rodney. Somos como gemeos que não se podem mais largar... Apenas juntos poderemos fazer vida decente e limpa.

— A sua maneira de olhar as cousas é muito simples. Afinal vae conseguir o annel, não é? Elle parece digno de você, afinal... Gosto de saber que consegue o que tanto quiz, sabe? Sabe o que lhe acontecerá se voltar commigo? Terá que cozinhar, lavar, viver numa casa miseravel. Eu bebo!

— Não beberá mais quando fôr feliz.

— Um homem vive melhor sózinho... Acho...

Os olhos della, limpos e desannuviados puzeram-se sobre os delle.

— Farei com que você creia em mim, Rodney!

Olharam-se novamente. Instinctivamente apertaram-se num longo e carinhoso abraço. A' noite a escuna os ia devolver ao paiz onde tinham começado tão mal e iam terminar tão bem.

* * *

Winfield Sheehan, responsavel por toda producção Fox, pediu tres mezes de férias para tratamento da saude. E. R. Tinker, actual presidente da organização, concedeu-lhe, apesar do seu pedido ao contrario, metade dos vencimentos por esse periodo, considerando o que elle tem feito para a fabrica.

* * *

A Universal contractou June Clyde por longo praso.

Como começou o temor de

Katherine Albert, que já escreveu um sensacional artigo sobre Greta Garbo, intitulado "Qual Mysterio, qual nada!", artigo esse que provocou geral exaltação dos animos da "torcida" Greta Garbo, torna a escrever sobre ella outro. Quem tem acompanhado os artigos della sobre "A Desconhecida Hollywood que eu conheço", no emtanto, sabe o quanto ella é sincera e franca. Só isto a recommenda.

—oOo—

Greta Garbo soffre de um fatal caso de agoraphobia.

Ainda mais. Ella soffre agudamente de anthropophobia.

Mas não se alarmem. Nenhum desses termos complicados a exterminará. O minimo que poderá acontecer, será a sua volta para a Suecia. Ambas as palavras acima servem para determinar, com termos psychoanalystas, o que nós podemos simplesmente chamar de "temor ao publico". E' possivel que qualquer um de nós tambem soffra disso, embora resida o mal no subconsciente.

Agoraphobia significa "temor ás multidões". Anthropophobia, "temor á sociedade". Em se falando de Greta Garbo, é sempre melhor usar palavras difficeis e complicadas...

Consideremos a sua recente sensacional visita a New York. Varios dias antes de romperem pelos jornaes as historias da sua visita incognita, Harry Hershfield, o famoso columnista e desenhista (não ha quem não conheça, na America do Norte, a Abie Kabibble, seu pseudonymo) passeava pelos arredores do Museu Metropolitano. Lá elle é muito conhecido, tanto mais que é um colleccionador de raridades artisticas. Um dos guardas chamou-o á parte e disse: — "Aquella mulher alta naquelle capote de lã, é a artista de Cinema Greta Garbo." Hershfield olhou á vontade. Era Greta Garbo, realmente. Encaminhou-se elle para ella. Apresentou-se. Gabou-lhe o trabalho em algumas palavras de medidos elogios.

Ella se portou cordialmente, com brandura e distincção. Mas poz o dedo nos labios e pediu: — "Sou Greta Garbo, sim, mas por favor, não me denuncie...".

Alguns dias depois a noticia espalhou-se e o Hotel St. Moritz, onde ella se achava sob o supposto nome de Gussie Berger, dava a impressão exacta de ser uma convenção de jornalistas.

Todos já sabem tudo a respeito dos seus immensos passeios pelo Central Park. Do seu encontro no elevador com Walter Winchell. A sua opinião sobre os reporters, dizendo que elles jamais foram cavalheiros. Seus passeios pelos melhores *speakeasies* (onde se vende clandestinamente bebida) da cidade. Seus passeios com o director Berthold Viertel e, mais tarde, com Ramon Novarro.

New York tornou-se selvagem e, tambem, todos os seus reporters. Todos se enfureceram com ella e sua attitude de silencio perpetuo. (Uma cousa que a imprensa de Hollywood ha muito já acceitou como irremediavel...).

Um homem atirou-se á sua presença. Vendo que nada conseguia, arranjou um telescopio, installou-o no Central Spark, desses telescopios baratos e fracos e pol-o a render, offerecendo-o aos que queriam observar Greta Garbo, mais á distancia, sem della se approximarem, afugentando-a, portanto... Depois elle installou o telescopio mais alto, quando ella não mais foi ao Central Park e bem defronte ao St. Moritz hotel. De lá podiam avistar Greta Garbo no quarto, aquelles que quizessem...

Mas não era Greta Garbo. O que o telescopio via, no quarto della, não passava de uma de suas innumeras *doubles* contractadas especialmente para esse fim..

Depois, afinal, surprehendeu a todos a noticia de que ella não estava na cidade e absolutamente nunca estivera. O mais extranho, ainda, é que depois de toda essa agitação, depois de todo esse reboliço, depois de todos os jornaes falarem nella, depois de tudo isso, lançou-se em New York o seu Film *Mata Hari*... Teria tudo isso sido um manejo habil de publicidade? Teria estado a languida sueca todo esse tempo nas suas habitações, em Brentwood, estando a agir em New York, unicamente uma turma da publicidade da M.G.M.? Se ella procurava descanso, por que teria ella ido para o St. Moritz, centro de todos os artistas que frequentam New York e, não, para um local menos importante e menos frequentado?

Mas Greta Garbo esteve em New York, não ha duvidas a este respeito. Muita cousa que então se disse e outras que se inventaram, não foram reaes, é certo, mas ella esteve realmente em Manhattan e hospedou-se no St. Moritz. Ella teme o publico, isto tambem é verdade. O seu temor já chegou a ser uma cousa vital e devastadora.

Ella é o caso psychologico D., a dôr de cabeça de todo analysta. Qualquer pessoa, no emtanto, dotada que seja de um minimo de observação psycho-analysta, será perfeitamente capaz de tirar suas conclusões sobre os motivos cardeaes dessa phobia da qual ella sempre foi e continua sendo denominada victima.

Já se disse, mais de mil vezes, que Greta Garbo sentiu-se infeliz, em Hollywood, por nada conhecer dos methodos e dos costumes norte-americanos, já não falando da lingua e do restante que ella não podia mesmo comprehender. Mas centenas e mais centenas de estrangeiros têm igualmente visitado nossas plagas e nem por isso tomaram-se de semelhantes complexos, complexos que duram assim annos e annos. E' verdade que se riram della quando ella chegou. Mas as suas phobias e os seus temores pessoaes começaram muito antes disso e por uma razão psychologica simples como as grandes verdades.

A sua altura foi o começo do seu vexame. Qualquer pequena, que aos doze ou treze annos comece a crescer, sabe disso, por experiencia propria. Passa cabeça e hombros pelas collegas da mesma idade. Vêm outras pequenas usando vestidos e roupas curtas, as quaes já não lhes servem mais. Vendo as pernas curtas e bem tornea-

das das companheiras, a pequena que cresce vertiginosamente olha para as suas, compridas e desengonçadas e envergonha-se até á raiz dos cabellos. Pés e mãos alongam-se. Energias gastas ao extremo pelo crescimento subito, sente-se ella fraca de idéas para poder reflectir ponderadamente sobre a situação. Usualmente fracassa nos estudos. Isto é cousa que todas as professoras conhecem e sabem. Seus normaes cursos pedagogicos ensinam-lhes isto.

Foi esta a experiencia de Greta Garbo. Aos treze annos ella já tinha a altura de hoje. Suas mãos e seus pés, tambem, tinham o mesmo tamanho dos presentes dias. Calça quarenta e um. Trabalhando na barbearia, na Suécia e, mais tarde, na loja de fazendas onde esteve empregada, em Stockholmo, esntiase ella vexada e criticada por todos. Um vexame consciente, um vexame mais devastador do que qualquer outro, foi seu companheiro fiel, dahi para diante.. Não preciso proseguir. Qualquer pequena alta sabe disto e é tambem por isto que qualquer pequena alta poderá querer mais bem Greta Garbo do que as outras.

Seguiram-se os acontecimentos curiosos, sem duvida, que a puzeram na America do Norte, afinal. A todos pareceu mal a sua altura, em Hollywood, onde a maioria de *estrellas* era pequenina e delicada.

Ruth Biery, que escreveu, sobre Greta Garbo, a unica historia de Greta Garbo ouvida de seus proprios labios, historia essa que tem sido divulgada pelo mundo todo e foi, tambem, a ultima que Greta Garbo concedeu a quem quer que fosse, conta uma historia sobre a *estrella* que traz mais luz sobre este caso.

Marcou-se um apontamento entre a *estrella* e a jornalista para um encontro que se effectuaria no hotel onde se achava Greta Garbo, o *El Mirasol*, para jantarem. Greta Garbo não tinha querido dar a entrevista. Harry Eddington, seu empresario, é

que a forçára a isso. Chegou com dez minutos de atrazo e confessou que ficára lá em cima, no seu appartamento, passeando de um lado para o outro, cheia de temor, procurando ganhar coragem para enfrentar uma estranha que a iria fazer falar de si mesma.

As primeiras palavras que ella disse, foram: — "Desculpe este meu capote de algodão. São os que se usam na Suecia." Ella temeu que Ruth não comprehendesse isso, achasse que ella se vestia mal e se risse della.

Instigada pela intelligente jornalista, ella começou a falar. De repente parou. "Mas a senhora não comprehenderia. Possivelmente se riria de mim..." Sempre o temor da risada, do ridiculo, do seu papel diante de uma estrangeira, num paiz estranho.

Lembro-me de quando eu estava ainda no departamento de publicidade da M.G.M., e levei um jornalista para entrevistar Greta Garbo. Ella tinha acabado de chegar. Quando o jornalista voltou ao meu escriptorio, disse-me: — "Essa pequena tem sido seriamente maguada ! O que lhe terá acontecido ?".

E o que ha ? São esses os factos. Greta Garbo esta amedrontada. Mas por que ? Muitas pessoas eram realmente carinhosas e boas com ella. Muitas, mesmo, procuraram ajudal-a. Na M.G.M., não eramos tão brutaes como nos apontam, ás vezes. Mas ella não queria auxilio e nem mão alguma. Por que ?

A resposta é aquella que tambem serve para todas as perguntas que se formulam em torno de Greta Garbo. Um nome gravou-se profundamente e para sempre, na sua vida. Não ha historia real e séria a respeito della que se escreva que não traga, ao seu, o nome de Mauritz Stiller ligado.

Stiller foi quem lhe disse: — "Esta gente não é sua amiga. Elles não a comprehendem como eu. Procurarão exploral-a, fazel-a tôla. Talvez encontre um unico amigo, neste paiz, mas eu duvido ! O seu unico verdadeiro amigo sou eu !".

E Greta Garbo acreditou nelle, como sempre acreditou em tudo quanto elle lhe disse. Temia ser apanhada conversando com quem quer fosse, de medo que Stiller a apanhasse nesse trocar de idéas. Porque Stiller imbuiu-a com essas historias e esses pensamentos, já é outra (e mais sordida !) historia e no momento ella não interessa.

Estes eram temores pequeninos e insignificantes, no emtanto, comparados com a montanha delles que se ergueu diante della, durante a confecção do seu segundo Film, *Terra de Todos*.

Stiller começou a direcção desse Film. Foi tirado e Fred Niblo continuou o trabalho. Ainda mais: — o contracto de Stiller não se renovou com a M.G.M. Era uma circumstancia que ella não podia comprehender. Elle era o heroe não só da Suecia, no particular Cinema, como de toda Europa, tambem. Era tido e conhecido como o maior de todos os directores de Films. Na Europa ella não era nada. Era, no emtanto, a habilidade artistica de Stiller que naufragava na America do Norte e era elle que perdia o emprego como o mais vulgar dos meninos de recado.

Se o Studio tinha força para fazer isso com elle, o forte, o que não faria com ella, a fraca e a pequenina ?

Torturada por estes graves pensamentos e estas duvidas cruciantes, não tendo ninguem para poder conversar e falar, (Stiller a tinha instruido para isso...) ella se recusou a voltar ao Studio e discutir o seu contracto. Foi nessa epoca que ella ganhou a reputação de temperamental que depois disso não mais a largou. Não era temperamentabilidade, no emtanto, era medo. O temperamento veiu apenas mais tarde.

Greta Garbo não adquiriu agoraphobia e anthropophobia. O bloco, o geral disso, encontra-se no seu intimo, no fundo da sua consciencia. Ella ainda teme a turba. Ainda teme a sociedade. Seus temores, hoje, são já outros.

Agora o publico já não se ri della. Podem villipendial-a, pelos jornaes ou em commentarios, mas não se rirão della. Já se riram muito della e o sufficiente. Agora é a sua vez. Agora é Greta Garbo que se ri. E este riso é sardonico e mau.

Ella é a mulher mais amargurada de toda Hollywood. Já a vi chegar ao *set*, fazendo a entrada de uma rainha, fazendo empregados do *set* correrem com cadeiras, grandes directores chegarem-se a ella e perguntarem pela sua saude e pela sua disposição, grandes empresarios temerem-na por um simples olhar. E já vi, nos olhos della, por tudo isto, um brilho de diabolico prazer.

Ha poucos annos não se importavam com Greta Garbo, morresse ou vivesse. Agora

(Termina no fim do numero).

(Stricktly Dishonorable) — Film da UNIVERSAL

Paul Lukas .... Gus
Sidney Fox .... Isabelle
Lewis Stone .... Juiz Dempsey
George Meeker .... Henry
William Ricciardi .... Tomasso
Sidney Toler .... Mulligan
Carlo Schippa .... Criado
Samuel Bonello .... Criado
Joe Torillo .... Cozinheiro
Joe Girard .... Official

Director: — **JOHN M. STAHL.**

Tomasso era dono daquelle "speakeasy" que ficava no terceiro andar de um arranha céo. Na Italia, elle fôra creado da familia do Conde di Ruvo, das mais distinctas e nobres da localidade e nos Estados Unidos, enriquecido com a venda de bebidas alcoolicas, residia feliz e contente, mais feliz e contente, ainda, por ter, no andar inferior e no superior, dois amigo que eram o orgulho da su casa, um, o Juiz Dempsey e um filho dos Condes d Ruvo, o outro, que ell queria como filho e chamava simplesmente de Gus, o qual era, pela decadencia da nobreza e pela excellencia da voz, o maior barytono da actualidade.

Aquella noite, presente o Juiz Dempsey como sempre e tardando Gus, que, naturalmente, demorava-se no theatro por causa de alguma mulher ou qualquer outra provavel conquista, encheu-se subitamente o "speakeasy" com a mocidade e a visivel ingenuidade de uma pequena americana, interessante e adoravel, que era de West Orange, New Jersey e fingia-se perfeitamente identificada com a vida nocturna de New York, identificada ao ponto de convencer o noivo, Henry Green, um rapaz tambem caipira e de modos morigerados, a irem áquelle "speakeasy" que os elegantes citavam como o mais importante do mundo...

A entrada de Isabelle Parry — assim chamava-se ella — encheu de contentamento e belleza o "speakeasy" de Tomasso. Num relance o Juiz comprehendeu toda a situação daquella menina e do noivo. A casa de Tomasso, além disso, era realmente perigosa, pelas visitas bruscas e repentinas da policia e, assim, a ingenua Isabelle Parry ali corria constante perigo. Principalmente o seu nome simples e delicado que o Juiz profundamente presou, desde o primeiro instante em que a viu.

Mas Isabelle é antes de mais nada romantica, cheia de vontade de respirar um ar viciado, um ar impuro. Ella quer conhecer melhor a vida e pensa que, conhecel-a, é viver momentos assim emocionantes em logares prohibidos. O noivo, para ella não passa de um accessorio inutil, tanto mais que Henry é realmen... já com certo"...

Isabelle e não um "estranho qualquer"... Com a chegada de Gus, então, mais aggravou-se a situação de Isabelle e a de Henry tambem, sem duvida... Sabendo quem elle era, cantor famoso, nobre, etc., immediatamente atirou-se a um **flirt** provocante bem diante dos olhos angustiados do noivo ingenuo. Gus era realmente insinuante e realmente provocante. Inutilmente o proprio Juiz Dempsey a preveniu contra elle. Nada podia fazer. Isabelle era principalmente romantica e as pequenas romanticas gostam de procurar no prohibido o passa-tempo...

Certo de que a noiva estava se excedendo, Henry insiste em leval-a dali. Isabelle nega-se acompanhal-o. Henry insiste. Ella reage, zangada. Elle se retira, ameaçador e volta em companhia de um policial, conhecido pelo nome de Mulligan e mais do que amigo do Juiz Dempsey...

Mulligan acaba tomando um trago e quem vae, com elle, é o proprio Henry, "para não inventar mais historias e mentiras á uma autoridade"...

Sózinha Isabelle, o que lhe resta fazer?...

O Juiz Dempsey e Gus offerecem seus apartamentos. Ella, ousada como sempre, prefere o de Gus. O Juiz aconselha-a. Ella não lhe dá ouvidos e acompanha Gus. Emquanto sobem para o seu apartamento, elle lhe pergunta quaes são as suas intenções para com ella.

— Más intenções, sem duvida...

Responde-lhe Gus. Aquillo ainda mais aguça o seu espirito romantico que não o perigo e nem a consequencia, atira-se de olhos fechados á aventura

Tudo ali, além disso, é provocante para a sensualidade indisfarçavel do seu temperamento. A começar pela velhice peccaminosa do Juiz Dempsey e a acabar pelos **cocktails** excitantes do velho Tomasso. De nada valeram, portanto, os conselhos do Juiz. Serviram apenas para ella lhe dizer que a deixasse viver e não se oppuzesse ao prazer que estava desfructando e ao despeito de Henry que, offendido, achava que apenas elle, o noivo, tinha direitos de dar conselhos á sua

que lhe parece mais romantica do que uma historia de "capa e espada."

Gus é chamado á portaria. O Juiz Dempsey aproveita a occasião para ver se convence Isabelle a deixar o conquistador. Quanto mais lhe conta cousas da vida do barytono, mais a põe convencida de que o ama, implacavelmente.

— Elle é adoravel!!! Elle é mysterioso, é divino!!!

E Gus, que vem de aplacar os ciumes de Lilli, uma sua ex-amante, volta para Isabelle, cheio de paixão e "más intenções"...

Ante a completa ingenuidade della, no emtanto, todos os maus sonhos de Gus tombam, exanimes. Elle sente que realmente a ama. Sentiu isso desde o primeiro momento. A principio, pelo ardor da sua mocidade, tão moça principalmente em contraste com a sua experiencia e com seus cabellos já embranquecendo. Mas depois, conversando com ella, tendo-a nos seus braços, amorosa e apparentando um conhecimento da vida que não tinha, sentira que ella tambem tinha alma e apaixonara-se violentamente, italianamente, sem remedio.

Vendo que não é capaz de ter "más intenções" com uma creatura assim adoravel e á qual ama profundamente, além disso, faz duas cousas immediatamente. Pede agasalho ao Juiz Dempsey, para aquella noite, deixando Isabelle senhora do seu apartamento, embora desilludida com a retirada delle, e não comprehendendo o seu gesto, o qual levava em conta de pouco caso, e, segunda, telegraphar incontinenti á sua mãe, na Italia, pedindo-lhe consentimento para se casar com Isabelle.

* * *

Levantando-se cedo, o Juiz Dempsey a primeira cousa que faz é comprar uma passagem de volta para Isabelle voltar á sua cidadezinha natal e, depois leva-a Isabelle, no seu apartamento, antes que Gus desperte. Esta fica indecisa e apenas espera a chegada de Henry para tomar uma resolução.

Encontrando-se com o Juiz que vem do seu apartamento, onde estivera convencendo Isabelle a fugir delle, pois não podia crer que elle fosse decente e capaz de se casar, Gus lhe conta, pondo-o boquiaberto, que está seriamente apaixonado pela pequena e que apenas espera a chegada da resposta de sua mãe para pedir a mão da pequena e casar-se com ella a bem ou a mal. E a espera á resposta é cheia de angustias infindas...

Henry, de volta da cadeia onde pernoitára, como consequencia da sua alteração com Mulligan, vem contrito e arrependido do que fizera. Isabelle, despeitada, por sua vez, com o procedimento de Gus que continuava encarando como pouco caso, diz que está disposta a casar com elle naquelle mesmo instante e quando Henry a beija, alegre, louco de alegria, mesmo, Gus entra e a surprehende nos braços do rapaz.

Pede-lhe alguns momentos de attenção. Ella os dá e, por sua vez, pede a Henry, que custa a ceder, espere lá fóra pela solução, emquanto ella "diz ao cavalheiro umas verdades"...

Mas Gus declara-se. Apaixonadissimo, diz-lhe como ella realmente quer ouvir, o quanto a ama, o quanto a quer. Conta-lhe porque resistira. Conta-lhe o quanto a deseja. Conta-lhe tudo quanto seu coração sente e quanto os ouvidos della, avidos, devoram numa felicidade sem fim.

(Termina no fim do numero).

Carole
Lombard
cada
vez
mais
chic...

ARLETTA DUNCAN

Agora, é a vez de Gary Cooper...

Sim, agora é Gary Cooper que fala do seu caso com Lupe Velez.

Ha numeros passados, **CINEARTE** publicou uma interessante entrevista com Lupe Velez, na qual a mexicana de fogo dizia a razão capital do seu rompimento com Gary Cooper. Agora é a vez deste falar. Aliás, diga-se, a situação de Gary ultimamente, não tem sido muito feliz, no Cinema e, cousa engraçada, data o seu infortunio bem da data do seu rompimento com Lupe... Actualmente está muito tenue o fio de suas relações com a Paramount e Chester Morris foi contratado por cinco annos, já tendo tomado dois dos papeis de Gary: — em **The Miracle Man**, primeiro, e, agora, **The Beach Comber**. Ouçamos agora a Gary e ao que elle tem a dizer.

* * *

Até agora, praticamente, Gary Cooper nada disse a respeito do seu rompimento com Lupe Velez. Achou que o mais acertado seria ficar quiéto e deixar que o publico, por si, formulasse hypotheses, o que elle realmente fez e com rara abundancia de argumentos, aliás...

Todo mundo pensa, o que é muito logico e natural, aliás, que Lupe tenha abandonado Gary e este, só, tenha soffrido todas as dôres da separação e do abandono. Outros, por suas vezes, deduziram que foi um accordo commum de separação, feito com toda camaradagem. Ainda outros, que a saude enfraquecida de Gary tenha sido o motivo. E por ultimo aquelles que deduziram que a abandonada é Lupe Velez e o "borboleta", Gary.

Todas estas hypotheses, no emtanto, falham sob o ponto de vista verdade. Dizemos isto, porque Gary Cooper resolveu contar-nos a sua parte da historia e ella encerra, eu summa, a chave do segredo, afinal.

Gary não foi villão da historia, como todo mundo pensou. Nem se cançou e deixou a pequena por causa disso e nem qualquer cousa parecida. Quando elle a beijou antes de partir para a Europa e, ella, antes de seguir para a sua **tournée** de **vaudeville**, pelos Estados, não houve scena alguma e tudo foi feito com a maior cordialidade e o maior ardor, ainda. Durante suas viagens pela Europa, quando Gary ainda pensava, nas mesmas, que as cousas continuavam no mesmo pé, com relação a Lupe, ella já estava tornando o caso publico e dando tudo por terminado.

— Não deixei de lhe enviar varios telegrammas. Escrevi-lhe postaes de todos os portos de escala e das Cidades principaes. Desde que nos despedimos, no emtanto, não recebi uma linha siquer de sua mão e nem uma só palavra. Quando percebi que meus telegrammas, minhas cartas e meus postaes não produziam a reação de uma resposta ao menos, comecei a suspeitar que qualquer cousa anormal tinha acontecido. Parei de escrever e telegraphar. Achei melhor esperar que as cousas acontecessem normalmente. Mas nada aconteceu.

Quando cheguei a New York, de regresso, justamente depois della ter seguido para a California, comecei a ouvir os primeiros rumores dos seus novos romances: — Winnie Sheehan, Lawrence Tibbett... Depois, quasi que immediatamente, noticias sob meus olhos cahiram a respeito de suas joias, seus braceletes de brilhantes, etc... Comprehendi, então, que tudo tinha terminado. De Lupe, no emtanto, não ouvi, até hoje, explicação alguma.

Mas apesar disso, ainda assim não houve coração partido algum. Gary, a principio, sentiu naturalmente a sensação do abandono e imaginou-se como que perdido num deserto. Quando uma pessoa passa tres annos ao lado de outra, quasi todos os minutos desse tempo, é logico que não possa deixar de sentir saudades. Principalmente sendo essa "pessoa" Lupe Velez... Ella tinha cercado e saturado Gary Cooper radicalmente de atmosphera mexicana, com côr local e impetuosidade. Quando se está ao lado de Lupe, sente-se que existe realmente "alguem" ao lado...

A vida de Gary, depois que elle voltou da Europa, entrou por canaes tortuosos que não lhe permittiram ter tempo para pensar na graciosa mexicana. A sociedade de New York apossou-se de Gary Cooper. De Atlantic City a Oyster Bay, o rapaz de olhos azues constituiu uma sensação. Novos amigos, novos ambientes e tudo, em summa, fazendo com que elle esquecesse a historia toda do seu amor por Lupe Velez. Gary já não bebe mais **tequila.** Nem affronta seu estomago com **chile.** Nem rodea-se de secretárias mexicanas. Nem ouve mais musicas mexicanas. Desistiu de se desnacionalisar.

Entrou em nova atmosphera e livrou-se de Lupe, fazendo barricadas contra a volta do amor e da saudade. Muitas pequenas de sociedade apossaram-se delle. Passeios, piscinas, bailes, tudo quanto um rapaz pode desejar para esquecer... Além disso elle está cançado de amar e ninguem o pode culpar por isso.

Tres annos de amor com Lupe Velez dá para terminar este capitulo na vida de qualquer homem, com certeza...

— Não me quero envolver com seja a mulher que for. Aqui em New York tenho encontrado muitas pequenas e poderia me ter sentido realmente romantico e apaixonado ao lado dellas. Mas não quero começar mais caso algum de amor serio e longo. Não preciso ser romantico. E nem o quero ser por muito tempo, aliás...

Uma cousa que lhe é difficil, é supportar a idéa que todos fazem de que, perder Lupe, foi a cousa melhor que já lhe aconteceu.

— Ella é uma doce companheira, sem duvida, mas apesar disso foi melhor ter acontecido o que aconteceu. Não tenho arrependimento algum na consciencia. Não lamento tel-a conhecido. Ella soube conservar-me sempre divertido, ao seu lado. Conheci-a por tres annos e é facil imaginar como. Nunca houve um só momento aborrecido entre nós. Emquanto nosso amor durou, divertimo-nos a grande. Tudo isto eu não posso deixar de lastimar, mas acredito, sempre, que foi para meu proprio bem.

Gary leu algumas entrevistas com Lupe Velez e conheceu algum aspecto do que ella pensou a cerca do rompimento. Quando elle leu uma das historias que a dava em casa, triste e pensativa, relembrando o amor findo, o seu olhar tornou-se sardonico, mas a sua delicadeza não lhe permittiu um só commentario... E' provavel que a unica cousa sensata dessa entrevista tenha sido aquella phrase: — "Tolinha como sou, talvez esteja dando a Gary a melhor opportunidade de sua vida."

Gary tambem confirmou o que ella disse: — "tel-o animado muito e lhe ter soprado coragem. "Ella diz que o transformou de um menino convencido, para o caracter de um homem encantador e realmente homem Gary nega isso e diz que absolutamente não é exacto. Tudo lhe veiu naturalmente, pela maturidade e pela experiencia. Mas que foi ella que o tornou agressivo em vez de passivo, foi.

— Ella costumava dizer-me, sempre, o quão tolo eu era deixando que os outros mandassem, pizassem e mentissem meus direitos no meu trabalho. Seus conselhos eram exaggerados, com certeza, mas basicamente certos. Quando eu olho atraz, hoje e comprehendo o que faziam commigo, naquelles tempos, quando minha bôa fé não conhecia limites, ahi é que mais razões dou a Lupe. Devo-lhe a gratidão de me ter aberto os olhos, sem duvida alguma.

Gary acha que um dos motivos pelos quaes Lupe perdeu parte do seu ardor por elle, foi sua má saude. Ella queria alegria, farras e elle preferia ficar em casa e descançar.

Hoje, Gary não deixa que ninguem interfira com sua saude. Nem mulheres e nem trabalho. Em Roma, durante suas recentes férias e passeios, um doutor amigo lá tambem estando, disse-lhe: — "se eu fosse seu pae, prohibia-lhe tornar a trabalhar no minimo por um anno!" Foi com isso que Gary se alarmou. Quando regressou e vendo que, de facto, suas forças o atrahiçoavam mais, dia a dia, resolveu por ponto final nas suas idiotices e foi o que fez. Terminando **His Woman,** no studio de New York da Paramount, conseguiu uma nova licença e tornou á Europa. França e Italia de preferencia serão seus campos para passeios.

Por seu lado, Lupe tornou-se ultra-maliciosa e temperamental nas suas attitudes e nos seus modos. Diz ella que Gary é antiquado e que ella se sente melhor ao lado dos homens mais experientes e mais elegantes. Homens que não vivam falando em ar livre e exercicios.

Quando Lupe chegou tempestuosamente a New York, recentemente, justamente no meio do seu romance novo com John Gilbert, — o romance que durou um dia, se tanto e passou como meteóro — todo mundo pensou que ella se encontrava em New York para passar fogo em Gary Cooper ou cousa que o valha.

— Ella não tem razão alguma para fazer isso. Ella não precisou chegar ao ponto de se cançar de mim. Nada tenho tido com a sua vida e nunca lhe fui obstaculo para o que quer que fosse. Ella começou o caso. Eu o terminei. O que não ficava direito era a palhaçada na qual ella tambem me queria dansando.

Ninguem precisa dizer: — "pobre Gary! Sua vida está perdida!" Lupe encheu-lhe a vida de colorido e paixão. Quebrou-lhe as reservas. Fel-o educar-se no regimen da reacção. Passaram bons tempos juntos, sem duvida e separaram-se sem corações partidos. Eis a verdade. Chamo a isto um final feliz. Mas será realmente um "final"?... E' falatorio commum, em New York, que Lupe chamou Gary pelo telephone, antes de seguir para a Europa e com elle marcou um encontro num dos restaurante mais famosos da Cidade. Se se encontraram, o que ninguem soube ao certo, o que teriam conversado? Concordaram em terem novo encontro "em algum logar", em França?

Deve-se mencionar outro rumor, ainda. Muita gente convence-se de que Gary e Lupe casaram-se secretamente no Mexico, ha cerca de anno e meio, quando de uma celebre fuga que ambos effectuaram durante um periodo de alguns dias. Muitos affirmam que esta separação de hoje nada mais é do que um presagio de divorcio, um divorcio parisiense, com todo seu "chic"... Gary, no emtanto, diz:

— Eu me quiz casar com ella. Foi ella que não quiz.

Não temos razão para duvidar de Gary, que até hoje sempre foi sincero e leal com todos os jornalistas.

Pergunte-me outra...

Johnny Weissmuller, campeão mundial de natação, e Leila Hyams.

A. LACERDA — (Rio Claro) — O Gonzaga enviou-me a sua carta. Depende do typo e da opportunidade

KENY MAC KYNN — (Rio) — Sim, mas com os typos dos nossos vaqueiros. Espero o seu endereço. Virão todos Films de Ken Maynard. Rex continúa a amar Clara Bow.

D. SILVEIRA — (Rio) — Pode enviar a mim mesmo.

CAMARADA — (Rio Claro) — São discripções especiaes feitas exclusivamente para **"Cinearte."** Sim, um conjuncto de scenas sobre o mesmo trecho e ha algumas com uma e outras com tres mil, não importa. Sim, a divisão está certa.

H. AQUINO — (Rio) — Agradecido pela confidencia, e a minha experiencia só aconselha que tenha calma. Tudo se resolverá por si. Sim, o caso do Celso é uma verdade e eu já lhe disse isso. Enviei a sua photographia ao Gonzaga com uma recommendação telephonica. Quem sabe você não terá uma d u p l a surprezа? Pelo o que elle me disse...

LOURIVAL PASSOS — (Rio Branco) — Só respondo aqui, pela "Pergunte-me outra..." Paramount Studio, Marathon Street, Hollywood, California.

KAI' NORTON — (Fortaleza) — Obrigado. Só escrevendo directamente, mas ella já deixou o Cinema.

ALMEIDA VICTOR — (Bahia) — Logo um album? Poderei ver o que posso fazer, se me enviar cinco pedidos de endereços cada vez e aqui por esta secção.

ROSALIE — (Natal) — Sim, elle anda fraco. Celso Montenegro é o galã do Film. Já sahiu o resultado. Não me lembro aqui de momento o nome de todos. Sim Clara Bow casou-se com o Rex. Ernani foi passear na Europa.

EU — (Rio) — O Film naturalmente passará no Fluminense depois da reinauguração. Calma, virão mais Films e entrevistas. A primeira casou-se. Irene Rudner não tem trabalhado ultimamente.

VENDEDOR DE ILLUSÕES —(Curityba) — Nunca soube onde se representam, quanto mais onde se vendem! Sim, os Films vão falar e não cantar... Em todo o caso, acho que enviando retrato sem estampilha lá para a **Cinédia**, poderá conseguir uma resposta.

LULA — (Rio) — Você então não vê **"Cinearte."** Já sahiram centenas de retratos de Joan. Elle é sardenta, gosta de tomate, casou-se com o Douglas "Sloper", mas eu tambem gosto muito della... E aquelles artistas da Columbia são até muito conhecidos...

Spencer Tracy e George Cooper em "Sky Devils"...

MARIO ROMUALDO — (Bello Horizonte) — Está muito bem que você não tenha gostado mas sei que Jack Quimby, **fan** e nosso collaborador assitiu o Film ahi em Bello Horizonte e nos disse quasi tudo ao contrario. No Gloria, pela renda que soube, foi muito bem. Aquella opinião se baseia em argumento mais velho do que a anecdota. Volte, breve, amigo Mario.

GAUCHINHA — Então, os velhos como eu, não podem dar opiniões dessas? Estude melhor...

LYRIO PARTIDO — (Varginha) — Agradeço pela parte que me toca. Mas iremos mais longe. O que diz o seu amigo daqui é a pura verdade. Não sei o endereço de Lia e nem a vi ainda. Sim casou-se. Sim, conheço muitos iguaes aos do seu amigo da Barra. Só vi Déa Selvá uma vez e digo que além de todos os predicados pessoaes é uma das que ficará e a **Cinédia** já tem grandes planos para ella.

BILLY — (Rio) — Sim, fala-se que Rosita Moreno virá ao Brasil a frente de uma companhia de variedade. Tambem José Bohr para "premiére" do seu Film "Hollywood, cidade de sonhos." E ainda Olympio Guilherme para ficar e filmar...

ANTONIO F. MENDES — (Curvello) — Satisfação por ter gostado. Agradecido pela lista de Films. Estou contente por ter gostado de Lelita Rosa em "Labios sem beijos."

GALLITO — (S. Salvador) — Já sabia deste concurso, mas obrigado. Mojica, Elisa e John Boles, Fox Studios, Hollywood, California. Jean, Paramount, Marathon Street, Hollywood, California.

Um Cinema de Films educativos no Museu Nacional

(Continuação)

Explicações ainda me deu elle a respeito do auxillio que esse mesmo departamento presta á organisação dos pequenos Museus escolares e tudo, em summa, que possa interessar á qualquer estudante.

Qualquer collegio do Rio de Janeiro ou de fóra (se tanto fôr julgado util e opportuno pelos seus directores), poderá fazer uso dos prestimos gratuitos do "Serviço de Asssistencia ao Ensino." Esse auxillio é de uma efficiencia prodigiosa e o numero de collegios e professores que ao mesmo têm recorrido, attestam o merito a utilidade dessa secção.

O Collegio "tal", numa hypothese, aspira mostrar a determinado numero de seus alumnos, um determinado numero de diapositivos. Escolhendo-os com oito dias de antecedencia, tempo tem para explicar, em aulas, a theoria daquillo que, pela projecção, ão illustrar. Transporta-se, em seguida, ao Museu Nacional e recorre aos prestimos do "Serviço de Assistencia ao Ensino" que não só lhe fornece o salão Marajó e o operador, para as projeções, como tambem, terminadas as mesmas, dará, ainda gratuitamente, exhibição, como sobremesa, de um Film educativo mais em caracter de diversão. Essa "sobremesa", como chama o Dr. Roquette Pinto, serve para estimular o alumno. Se o cançou o longo estudo, apesar de animado pelas projecções ainda que fixas, descança quando a tela mostrar a "sobremesa" e como esta é geralmente educativa, tambem, maior chance ainda tem o curso que encher o salão Marajó.

Aileen Pringle e Leon Janney que apparecerão em "Police Court" da Monogram

A Filmotheca Scientifica do Museu Nacional é vasta e sua lista vae ahi abaixo. Quaesquer collegios podem á mesma recorrer, com duas condições, apenas: — primeira, haver primeiro o estudo pelos diapositivos, utilissimos e, assim, provar que o collegio não se quer apenas divertir.

(Continúa no proximo numero).

O GORDO
E
O
MAGRO...

MARY ANN.

(Conclusão do nº passado)

No dia seguinte, ella mesma levou a Lonsdale a grande, a maior noticia da sua vida. Gascony, o maior empresario da Inglaterra, apreciara sua composição e queria que elle escrevesse uma opereta sobre aquelles motivos. Isso, para elle, representava deixar a casa de commodos de Mrs. Leadbatter e seguir directamente para uma linda casa, á beira mar, onde a inspiração lhe viesse, mais fertil, enchendo-o de cousas realmente aproveitaveis para a sua musica.

Mary Ann sentiu desmaiar seu coração. Pediu-lhe, humildemente, que a levasse comsigo. Ella sabia cozinhar, tomar conta da casa, olhar por tudo que delle fosse. John Lonsdale acabou consentindo.

Minutos depois Mrs. Leadbatter entrou no quarto do rapaz e vendo-a, sobre o leito delle, expressão de extrema alegria nos olhos, felicidade, mesmo, pensou justamente o opposto e envenenou toda a situação. Levou-a para seu escriptorio. Lá, num systema nada humano e puramente violento, conseguiu que ella lhe contasse que ia deixar sua casa para ir junto com John para o palacete á beira mar e, tambem, contou, forçada, que Lonsdale a tinha beijado, uma noite, depois de lhe executar todas as melodias.

Mrs. Leadbatter, arguta, aproveitando-se da distracção de Mary Ann, fechou-a no quarto. Com o coração em agonia ella ouviu o ruido todo da mudança de Lonsdale deixando a casa.

E elle não lhe deixou recado algum, bilhete algum. Mrs. Leadbatter disse que isso já esperava e censurou-a por dar credito ás falsas illusões de um rapaz filho de gente rica.

Mas quando ella lhe trouxe o canario de volta, deixando-o no seu quarto, Mary Ann, na gaiola delle, descobriu, escondido, o bilhete que lhe deixára John.

Era seu endereço e o local onde o encontraria assim que se livrasse da prisão onde estava.

✣ ✣ ✣

Na casa pequenina ao lado do mar, Mary Ann encontrou um paraiso. Durante o dia todo John trabalhava para a sua musica e ella fazia com que nenhum ruido o perturbasse. Esperava-o com fé e com carinho, dava-lhe animação e era, para elle, mais devotada do que ninguem. Quando o dia terminava, sentavam-se no jardin e elle falava. Ella ouvia. Tudo era felicidade, para ambos.

Áquelle paraiso, um dia, chegou o Rev. Smedge. Mrs. Leadbatter o acompanhava. Traziam a Mary Ann a noticia de que tinham descoberto oleo na pequena fazenda que ella e sua mãe tinham abandonado, no Texas e, assim, tornava-se ella, naquelle momento, uma das mais ricas creaturas do mundo. Elles ali estavam para levarem-na comsigo.

Ella insistiu com John para que elle a deixasse ficar. Elle não o podia fazer, disse, a menos que se casasse com ella. Ella lhe pediu que o fizesse. Ella continuaria trabalhando para elle com a mesma devoção... Mas elle recusou. Era o orgulho que se punha entre ambos para impedir aquella verdadeira felicidade de dois corações que tanto se comprehendiam. Agora ella era rica e, elle, um sem vintem. A opereta que elle escrevera, afinal, não estava á altura da melodia que elle enviára a Gascony e com a qual conseguira chamar a sua attenção. Mary Ann deixou que a levassem, insensivelmente, profundamente torturada com aquelle final que não esperava para a sua felicidade. Falou ao canario, sózinha, já que John não mais a quiz ouvir, com medo que seu coração o trahisse.

— Faz-lhe companhia! Agora és delle. Não o deixes só! Quando o vires triste, canta para alegral-o!

Depois que Mary Ann o deixou, John, ferido, agoniado, escreveu uma opereta cujo assumpto era a propria historia de ambos. Disse, nas notas que escreveu, tudo quanto seu coração soffreu.

Conseguiu um successo sem nome.

Na noite da estréa, John encontrou Mary Ann no theatro. Differente em roupas, talvez, mas sempre a mesma meiga e humilde Mary Ann no olhar, no sorriso, nos gestos brandos e deliciosos.

— Acho que a musica é demasiadamente linda para ser desperdiçada numa historia tão vulgar.

Disse-lhe Mary Ann.

— Jámais teria escripto a musica se não fosse a historia...

Respondeu-lhe com olhos famintos de felicidade.

— Mary Ann, preciso vel-a de novo. Onde a posso encontrar?

— Na minha aldeia, solitaria e pequenina, onde sempre quiz viver.

Quando todos entravam para verem o novo acto que começava, John lhe murmurou aos ouvidos, tremulo:

— Se ao menos você voltasse, Mary Ann...

— Não ha nada para voltar, John. Hoje eu comprehendo suas palavras daquelles tempos. Eram indulgencia, pena, compaixão de uma orphã...

— Mas eu só comprehendi o amor depois de sua partida.

— Mas eu não quiz partir, John, lembra-se?...

— Lembro-me. Eu a fiz partir. Deixei-a partir. Lembro-me de tudo. O que eu compuz e o que eu escrevi, dahi para deante, foi escripto e composto pensando em você, Mary Ann. Ali está tudo: — minha vergonha, meu soffrimento, minha ternura toda vertida numa canção.

— Mas a canção fez cessar o soffrimento?

— Não. Apenas você o poderá estancar...

Ella se despediu delle e voltou para a companhia de seus amigos...

✣ ✣ ✣

O successo sem nome da sua opereta não trouxe felicidade ao coração do compositor. A sua pequena casa ao lado do mar ainda soffria, coitada, a ausencia daquella meiga e suave companheirinha de outros tempos. O canario não cantava mais...

Um dia, ao piano, elle procurava a melodia que não queria vir. Soffria. Houve uma pancada á porta.

— Entre!

Disse elle a esmo. Era Mary Ann, sem os adornos que a riqueza lhe tinha dado e, sim, a orphã Mary Ann de outros tempos, humilde aos seus pés. O canario, vendo-a, cantou.

— Voltou, Mary Ann?...

— Sim. Voltei, para ser sua.

E foi assim que a alegria e a felicidade para sempre encheram o coração daquelle sentimental compositor.

As Projecções Luminosas como Auxiliares do Cinema Escolar

As projecções luminosas, animadas ou fixas, estão sendo chamadas a completar o material didactico para o ensino em todos os ramos como auxiliar do methodo intuitivo e experimental. Existem, realmente, phenomenos e factos caracterizados pelo movimento e que seria impossivel, muito difficil ou muito dispendioso reproduzir, para que fossem observados directamente pelos discipulos; projectando-se a sua imagem cinematographica sobre a tela, podem os espectadores contemplal-os e analysal-os com commodidade, comprehendendo-os melhor devido ao auxilio que lhes traz o commentario do professor. As imagens animadas captivam e prendem a attenção; com ellas, o ensino é facil, rapido e efficaz. Por outro lado, as vistas fixas, além de completarem e simplificarem, em muitos casos, as projecções animadas, representam, especialmente para o mestre, um poderoso recurso, como temos dito, para substituir as illustrações, photographias, quadros e desenhos, os quaes são sempre difficeis, pela falta de recursos, de serem postos ao alcance das escolas primarias. Um apparelho de projecção, com uma collecção de cartões postaes, dispositivos e outras vistas, devidamente escolhidas, permittem a exemplificação de um grande numero de coisas, seres e phenomenos, com uma clareza demonstrativa que será indiscutivelmente superior aos mais dispendiosos quadros pedagogicos.

Não se julgue que as projecções luminosas estejam destinadas a substituir o material intuitivo e experimental, cuja utilidade didactica está hoje reconhecida: objectos **in natura**, modelos, bôas illustrações, laboratorios, etc. Sempre que seja possivel mostrar as mesmas coisas, ou executar deante dos alumnos, ou melhor ainda, fazel-os executar as experiencias, não será necessario recorrer á projecção luminosa.

Convem que os professores não abusem deste methodo de ensino, e muito menos si se trata do cinematographo, convertendo a escola em uma sala de espectaculos. Os casos em que as projecções podem servir para o ensino estão limitados aos factos e phenomenos visiveis que não se podem mostrar de outra forma aos discipulos, ou não poderiam ser postos ao seu alcance, a não ser mais que imperfeitamente, com outra qualquer classe de material.

Para fixar as ideias, passaremos revista ás diversas sciencias e examinaremos quaes são os assumptos que convem ensinar por meio de imagens fixas ou animadas. Separaremos, desde já as sciencias mathematicas, as quaes, em materia de ensino, pelo menos durante os capitulos elementares, nada teriam a ganhar com as projecções luminosas.

A Physica e a Chimica ensinam-se experimentalmente. Nem as pelliculas nem as vistas fixas poderiam substituir as experiencias realizaveis nos laboratorios: propriedades dos imans, phenomenos de electricidade estatica, bombas, siphões, preparação do hydrogenio, do nitrogenio, etc. Não poderiamos admittir as projecções luminosas, a não ser para experiencias difficeis de serem realizadas nos laboratorios escolares: crystallização, liquefacção, microphysica, etc.

Em seguida temos a Biologia, a Physiologia, a Medicina e a Cirurgia. Consideraveis servicos presta a cinematographia ao ensino destas sciencias. A observação, por auditorios numerosos, da vida elementar dos microorganismos é hoje possivel graças ás pelliculas, e como é sabido de todos, graças ao microscopio de projecção fixa.

Scena de um educativo da Ufa que possue uma serie interminavel de Films no mesmo genero que raramente encontra interesse da parte dos nossos exhibidores.

Cinema Educativo

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

O eminente professor de Physiologia da Universidade de Bruxellas, M. P. Heger, aprecia nestes termos o emprego desse auxiliar:

"O emprego do Cinematographo presta os melhores serviços ao ensino da medicina. E' um maravilhoso espectaculo, o dos movimentos das amebas e dos leucocytos. A acção dos venenos sobre o coração demonstra-se admiravelmente por intermedio da Cinematographia.

Uma das grandes vantagens do methodo Cinematographico é fazer, por assim dizer, permanentes as experiencias fugitivas; assim o pombo, ao qual se retirou o cerebro, apresenta movimentos de rotação caracteristicos, permittindo á Cinematographia fixar os resultados de experiencias parecidas, e por este meio, além de economizar-se tempo, torna-se superflua a repetição de experiencias e de vivisecções necessarias ás demonstrações do curso.

Em Clinica, as phases de accessos convulsivos, os symptomas que interessam ás modalidades, e mil outros detalhes que podem escapar á observação de um instante, são estudados ao natural por todos os alumnos, graças á documentação ministrada pelas pelliculas.

Agora supponhamos que nos perguntassem quaes as pelliculas que poderiamos recommendar. O numero é grande, porque o emprego se estende a todas as sciencias experimentaes, á Zoologia como á Embriologia, á Psychologia tal como á Clinica.

Nós mesmos temos procurando fazer certas pelliculas, porém sobre esse ponto preferiria que se dirigissem ao Dr. Comandon, a quem se deve um grande numero de pelliculas scientificas de grande interesse."

O professor que não disponha de mais que um apparelho de projecções fixas, póde tirar muito bom partido deste auxiliar para as suas lições escolares, conferencias e cursos de adultos, utilizando vistas photomicrographicas feitas com esse objecto, taes como as vistas das bacterias da tuberculose, febre typhoide, infusorios das aguas estagnadas, microbio da pneumonia, bacterias da bocca, terras fosseis, cultura dos espongiarios, etc.

Quanto á Puericultura, que vem em seguida á Medicina e á Clinica, poderiamos dizer que seus cursos são applicações da Biologia. Esses cursos se tornarão mais interessantes e demonstrativos por meio das projecções luminosas.

O Dr. Comandon, mestre francez na arte de produzir pelliculas educativas, tem apresentado interessantes documentos para o ensino dessas materias. Citemos os principaes: propaganda contra o alcoolismo, a tuberculose, syphilis, os animaes damninhos — mosquitos, ratos, vehiculos de microbios pathogenicos, etc. — Em pelliculas de 22 a 300 metros elle tem tratado de importantes assumptos de hygiene.

Sob a direcção do Ministerio de Hygiene dos Estados Unidos, tem-se feito pelliculas de Biologia, mostrando a vida da cellula, o bater do coração, a circulação do sangue, etc.; outras mostrando os mosquitos, seus ovos, larvas, seu crescimento, como se introduzem no corpo humano os microbios pathogenicos. Este genero de pellicula convem ás escolas primarias, Escolas Normaes, cursos de economia domestica, cursos secundarios; nunca será bastante para a propaganda da hygiene pratica.

Applicação analoga, nos indicados centros de ensino, poderá ser feito com as vistas fixas, por intermedio do apparelho de projecção. Citemos, por exemplo, o typo de vistas que poderia ser utilizado: creanças alcoolicas, estatistica, loucos alcoolicos, sinistros maritimos, os tuberculosos, bacillos, a cama hygienica, etc. ou então dispositivos parecidos com os que figuram na collecção do Museu Pedagogico de Paris, como: alimentação racional. Principaes caracteres que permittem apreciar a carne insulubre, Enfermidades da pelle causados por parasitas, Prophylaxia das enfermidades contagiosas transmittidas pelas dejecções, Os filhos do alcoolico,Os parasitas dos animaes domesticos, Os cuidados de urgencia aos enfermos e feridos, A protecção e os cuidados com a creança antes do seu nascimento, etc.

Sobre a Zoologia descriptiva, o assumpto se torna igualmente importante. Para exemplificar um curso de Zoologia existem bellas pelliculas e vistas fixas, representando os animaes no seu meio natural. As vistas animadas e fixas, adequadas ao ensino desta materia, deveriam comprehender: imagens mostrando os caracteres de cada grupo de animaes, sendo util recorrer, para esta parte das lições, aos eschemas animados; e vistas das principaes especies de cada grupo estudado. Como typo de pelliculas deste genero, com exito provado, citemos os da collecção do "Film Educativo" da Casa Pathé, e como vistas fixas, a numerosa collecção de dispositivos da Casa Mazo de Paris, serie 90 — invertebrados, peixes, reptis, passaros e mammiferos — as vistas photomicrographicas da mesma casa, serie 56 — bacterias, protozoarios, espongiarios, crustaceos — os dispositivos da collecção do Museu Pedagogico, de Paris; animaes das regiões polares austraes, baleias, phocas, passaros, a vida no fundo dos mares, a vida dos insectas, costumes dos peixes, etc.

Para o apparelho de projecção de corpos opacos, existe, entre outras, a collecção allemã de 110 cartões postaes, coloridos, reducção de laminas de Zoologia e executados por importantes pintores de animaes, apresentando-se no meio em que vivem, circumstancia que interessa tambem, na sua maior parte, ao ensino da Geographia.

Para a Botanica, não é necessario acudir ao emprego das projecções luminosas. Professores e alumnos encontram, na flora local e nos jardins, o material de observações necessario ás lições. Não recommendariamos as vistas animadas, a não ser para alguns phenomenos que raramente se tem occasião de observar na natureza, como os movimentos da sensitiva, a captura dos insectos por certas plantas, a abertura das flores, etc.

Sem embargo, quando se trata de mostrar plantas que não existem no logar, é preciso recorrer a essas vistas, e, nesse caso, podem estas ser substituidas por projecção de vistas fixas. Existe uma bella quantidade de dispositivos para este genero de ensino, e mais algumas collecções de cartões postaes, nem todos, porém, recommendaveis, por falta de merito artistico.

Por emquanto, paremos aqui. O assumpto é arduo e póde ser desenvolvido, tratando-se de uma infinidade de outros ramos da Pedagogia, os quaes se ligam a todas as divisões da Sciencia. Deixámos as outras, menos importantes que aquellas, sobre as quaes já dissertámos, para serem analysadas proximamente. Aquellas, a cujas ligações com as projecções luminosas já nos referimos, prestam-se melhor ao ensino universitario. Vejamos agora outras, cuja maioria se presta mais ao ensino superior e secundario.

MARY ANN.

(Conclusão do nº passado)

No dia seguinte, ella mesma levou a Lonsdale a grande, a maior noticia da sua vida. Gascony, o maior empresario da Inglaterra, apreciara sua composição e queria que elle escrevesse uma opereta sobre aquelles motivos. Isso, para elle, representava deixar a casa de commodos de Mrs. Leadbatter e seguir directamente para uma linda casa, á beira mar, onde a inspiração lhe viesse, mais fertil, enchendo-o de cousas realmente aproveitaveis para a sua musica.

Mary Ann sentiu desmaiar seu coração. Pediu-lhe, humildemente, que a levasse comsigo. Ella sabia cozinhar, tomar conta da casa, olhar por tudo que delle fosse. John Lonsdale acabou consentindo.

Minutos depois Mrs. Leadbatter entrou no quarto do rapaz e vendo-a, sobre o leito delle, expressão de extrema alegria nos olhos, felicidade, mesmo, pensou justamente o opposto e envenenou toda a situação. Levou-a para seu escriptorio. Lá, num systema nada humano e puramente violento, conseguiu que ella lhe contasse que ia deixar sua casa para ir junto com John para o palacete á beira mar e, tambem, contou, forçada, que Lonsdale a tinha beijado, uma noite, depois de lhe executar todas as melodias.

Mrs. Leadbatter, arguta, aproveitando-se da distracção de Mary Ann, fechou-a no quarto. Com o coração em agonia ella ouviu o ruido todo da mudança de Lonsdale deixando a casa.

E elle não lhe deixou recado algum, bilhete algum. Mrs. Leadbatter disse que isso já esperava e censurou-a por dar credito ás falsas illusões de um rapaz filho de gente rica.

Mas quando ella lhe trouxe o canario de volta, deixando-o no seu quarto, Mary Ann, na gaiola delle, descobriu, escondido, o bilhete que lhe deixára John.

Era seu endereço e o local onde o encontraria assim que se livrasse da prisão onde estava.

✣ ✣ ✣

Na casa pequenina ao lado do mar, Mary Ann encontrou um paraiso. Durante o dia todo John trabalhava para a sua musica e ella fazia com que nenhum ruido o perturbasse. Esperava-o com fé e com carinho, dava-lhe animação e era, para elle, mais devotada do que ninguem. Quando o dia terminava, sentavam-se no jardin e elle falava. Ella ouvia. Tudo era felicidade, para ambos.

Áquelle paraiso, um dia, chegou o Rev. Smedge. Mrs. Leadbatter o acompanhava. Traziam a Mary Ann a noticia de que tinham descoberto oleo na pequena fazenda que ella e sua mãe tinham abandonado, no Texas e, assim, tornava-se ella, naquelle momento, uma das mais ricas creaturas do mundo. Elles ali estavam para levarem-na comsigo.

Ella insistiu com John para que elle a deixasse ficar. Elle não o podia fazer, disse, a menos que se casasse com ella. Ella lhe pediu que o fizesse. Ella continuaria trabalhando para elle com a mesma devoção... Mas elle recusou. Era o orgulho que se punha entre ambos para impedir aquella verdadeira felicidade de dois corações que tanto se comprehendiam. Agora ella era rica e, elle, um sem vintem. A opereta que elle escrevera, afinal, não estava á altura da melodia que elle enviára a Gascony e com a qual conseguira chamar a sua attenção. Mary Ann deixou que a levassem, insensivelmente, profundamente torturada com aquelle final que não esperava para a sua felicidade. Falou ao canario, sózinha, já que John não mais a quiz ouvir, com medo que seu coração o trahisse.

— Faz-lhe companhia! Agora és delle. Não o deixes só! Quando o vires triste, canta para alegral-o!

Depois que Mary Ann o deixou, John, ferido, agoniado, escreveu uma opereta cujo assumpto era a propria historia de ambos. Disse, nas notas que escreveu, tudo quanto seu coração soffreu.

Conseguiu um successo sem nome.

Na noite da estréa, John encontrou Mary Ann no theatro. Differente em roupas, talvez, mas sempre a mesma meiga e humilde Mary Ann no olhar, no sorriso, nos gestos brandos e deliciosos.

— Acho que a musica é demasiadamente linda para ser desperdiçada numa historia tão vulgar.

Disse-lhe Mary Ann.

— Jámais teria escripto a musica se não fosse a historia...

Respondeu-lhe com olhos famintos de felicidade.

— Mary Ann, preciso vel-a de novo. Onde a posso encontrar?

— Na minha aldeia, solitaria e pequenina, onde sempre quiz viver.

Quando todos entravam para verem o novo acto que começava, John lhe murmurou aos ouvidos, tremulo:

— Se ao menos você voltasse, Mary Ann...

— Não ha nada para voltar, John. Hoje eu comprehendo suas palavras daquelles tempos. Eram indulgencia, pena, compaixão de uma orphã...

— Mas eu só comprehendi o amor depois de sua partida.

— Mas eu não quiz partir, John, lembra-se?...

— Lembro-me. Eu a fiz partir. Deixei-a partir. Lembro-me de tudo. O que eu compuz e o que eu escrevi, dahi para deante, foi escripto e composto pensando em você, Mary Ann. Ali está tudo: — minha vergonha, meu soffrimento, minha ternura toda vertida numa canção.

— Mas a canção fez cessar o soffrimento?

— Não. Apenas você o poderá estancar...

Ella se despediu delle e voltou para a companhia de seus amigos...

✣ ✣ ✣

O successo sem nome da sua opereta não trouxe felicidade ao coração do compositor. A sua pequena casa ao lado do mar ainda soffria, coitada, a ausencia daquella meiga e suave companheirinha de outros tempos. O canario não cantava mais...

Um dia, ao piano, elle procurava a melodia que não queria vir. Soffria. Houve uma pancada á porta.

— Entre!

Disse elle a esmo. Era Mary Ann, sem os adornos que a riqueza lhe tinha dado e, sim, a orphã Mary Ann de outros tempos, humilde aos seus pés. O canario, vendo-a, cantou.

— Voltou, Mary Ann?...

— Sim. Voltei, para ser sua.

E foi assim que a alegria e a felicidade para sempre encheram o coração daquelle sentimental compositor.

Cinema Educativo

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

O eminente professor de Physiologia da Universidade de Bruxellas, M. P. Heger, aprecia nestes termos o emprego desse auxiliar:

"O emprego do Cinematographo presta os melhores serviços ao ensino da medicina. E' um maravilhoso espectaculo, o dos movimentos das amebas e dos leucocytos. A acção dos venenos sobre o coração demonstra-se admiravelmente por intermedio da Cinematographia.

Uma das grandes vantagens do methodo Cinematographico é fazer, por assim dizer, permanentes as experiencias fugitivas; assim o pombo, ao qual se retirou o cerebro, apresenta movimentos de rotação caracteristicos, permittindo á Cinematographia fixar os resultados de experiencias parecidas, e por este meio, além de economizar-se tempo, torna-se superflua a repetição de experiencias e de vivisecções necessarias ás demonstrações do curso.

Em Clinica, as phases de accessos convulsivos, os symptomas que interessam ás modalidades, e mil outros detalhes que podem escapar á observação de um instante, são estudados ao natural por todos os alumnos, graças á documentação ministrada pelas pelliculas.

Agora supponhamos que nos perguntassem quaes as pelliculas que poderiamos recommendar. O numero é grande, porque o emprego se estende a todas as sciencias experimentaes, á Zoologia como á Embriologia, á Psychologia tal como á Clinica.

Nós mesmos temos procurando fazer certas pelliculas, porém sobre esse ponto preferiria que se dirigissem ao Dr. Comandon, a quem se deve um grande numero de pelliculas scientificas de grande interesse."

O professor que não disponha de mais que um apparelho de projecções fixas, póde tirar muito bom partido deste auxiliar para as suas lições escolares, conferencias e cursos de adultos, utilizando vistas photomicrographicas feitas com esse objecto, taes como as vistas das bacterias da tuberculose, febre typhoide, infusorios das aguas estagnadas, microbio da pneumonia, bacterias da bocca, terras fosseis, cultura dos espongiarios, etc.

Quanto á Puericultura, que vem em seguida á Medicina e á Clinica, poderiamos dizer que seus cursos são applicações da Biologia. Esses cursos se tornarão mais interessantes e demonstrativos por meio das projecções luminosas.

O Dr. Comandon, mestre francez na arte de produzir pelliculas educativas, tem apresentado interessantes documentos para o ensino dessas materias. Citemos os principaes: propaganda contra o alcoolismo, a tuberculose, syphilis, os animaes damninhos — mosquitos, ratos, vehiculos de microbios pathogenicos, etc. — Em pelliculas de 22 a 300 metros elle tem tratado de importantes assumptos de hygiene.

Sob a direcção do Ministerio de Hygiene dos Estados Unidos, tem-se feito pelliculas de Biologia, mostrando a vida da cellula, o bater do coração, a circulação do sangue, etc.; outras mostrando os mosquitos, seus ovos, larvas, seu crescimento, como se introduzem no corpo humano os microbios pathogenicos. Este genero de pellicula convem ás escolas primarias, Escolas Normaes, cursos de economia domestica, cursos secundarios; nunca será bastante para a propaganda da hygiene pratica.

Applicação analoga, nos indicados centros de ensino, poderá ser feito com as vistas fixas, por intermedio do apparelho de projecção. Citemos, por exemplo, o typo de vistas que poderia ser utilizado: creanças alcoolicas, estatistica, loucos alcoolicos, sinistros maritimos, os tuberculosos, bacillos, a cama hygienica, etc. ou então dispositivos parecidos com os que figuram na collecção do Museu Pedagogico de Paris, como: alimentação racional. Principaes caracteres que permittem apreciar a carne insulubre. Enfermidades da pelle causados por parasitas. Prophylaxia das enfermidades contagiosas transmittidas pelas dejecções. Os filhos do alcoolico. Os parasitas dos animaes domesticos. Os cuidados de urgencia aos enfermos e feridos. A protecção e os cuidados com a creança antes do seu nascimento, etc.

Sobre a Zoologia descriptiva, o assumpto se torna igualmente importante. Para exemplificar um curso de Zoologia existem bellas pelliculas e vistas fixas, representando os animaes no seu meio natural. As vistas animadas e fixas, adequadas ao ensino desta materia, deveriam comprehender: imagens mostrando os caracteres de cada grupo de animaes, sendo util recorrer, para esta parte das lições, aos eschemas animados; e vistas das principaes especies de cada grupo estudado. Como typo de pelliculas deste genero, com exito provado, citemos os da collecção do "Film Educativo" da Casa Pathé, e como vistas fixas, a numerosa collecção de dispositivos da Casa Mazo de Paris, serie 90 — invertebrados, peixes, reptis, passaros e mammiferos — as vistas photomicrographicas da mesma casa, serie 56 — bacterias, protozoarios, espongiarios, crustaceos — os dispositivos da collecção do Museu Pedagogico, de Paris; animaes das regiões polares austraes, baleias, phocas, passaros, a vida no fundo dos mares, a vida dos insectas, costumes dos peixes, etc.

Para o apparelho de projecção de corpos opacos, existe, entre outras, a collecção allemã de 110 cartões postaes, coloridos, reducção de laminas de Zoologia e executados por importantes pintores de animaes, apresentando-se no meio em que vivem, circumstancia que interessa tambem, na sua maior parte, ao ensino da Geographia.

Para a Botanica, não é necessario acudir ao emprego das projecções luminosas. Professores e alumnos encontram, na flora local e nos jardins, o material de observações necessario ás lições. Não recommendariamos as vistas animadas, a não ser para alguns phenomenos que raramente se tem occasião de observar na natureza, como os movimentos da sensitiva, a captura dos insectos por certas plantas, a abertura das flores, etc.

Sem embargo, quando se trata de mostrar plantas que não existem no logar, é preciso recorrer a essas vistas, e, nesse caso, podem estas ser substituidas por projecção de vistas fixas. Existe uma bella quantidade de dispositivos para este genero de ensino, e mais algumas collecções de cartões postaes, nem todos, porém, recommendaveis, por falta de merito artistico.

Por emquanto, paremos aqui. O assumpto é arduo e póde ser desenvolvido, tratando-se de uma infinidade de outros ramos da Pedagogia, os quaes se ligam a todas as divisões da Sciencia. Deixámos as outras, menos importantes que aquellas, sobre as quaes já dissertámos, para serem analysadas proximamente. Aquellas, a cujas ligações com as projecções luminosas já nos referimos, prestam-se melhor ao ensino universitario. Vejamos agora outras, cuja maioria se presta mais ao ensino superior e secundario.

Scena de um educativo da Ufa que possue uma serie interminavel de Films no mesmo genero que raramente encontra interesse da parte dos nossos exhibidores.

As Projecções Luminosas como Auxiliares do Cinema Escolar

As projecções luminosas, animadas ou fixas, estão sendo chamadas a completar o material didactico para o ensino em todos os ramos como auxiliar do methodo intuitivo e experimental. Existem, realmente, phenomenos e factos caracterizados pelo movimento e que seria impossivel, muito difficil ou muito dispendioso reproduzir, para que fossem observados directamente pelos discipulos; projectando-se a sua imagem cinematographica sobre a tela, podem os espectadores contemplal-os e analysal-os com commodidade, comprehendendo-os melhor devido ao auxilio que lhes traz o commentario do professor. As imagens animadas captivam e prendem a attenção; com ellas, o ensino é facil, rapido e efficaz. Por outro lado, as vistas fixas, além de completarem e simplificarem, em muitos casos, as projecções animadas, representam, especialmente para o mestre, um poderoso recurso, como temos dito, para substituir as illustrações, photographias, quadros e desenhos, os quaes são sempre difficeis, pela falta de recursos, de serem postos ao alcance das escolas primarias. Um apparelho de projecção, com uma collecção de cartões postaes, dispositivos e outras vistas, devidamente escolhidas, permittem a exemplificação de um grande numero de coisas, seres e phenomenos, com uma clareza demonstrativa que será indiscutivelmente superior aos mais dispendiosos quadros pedagogicos.

Não se julgue que as projecções luminosas estejam destinadas a substituir o material intuitivo e experimental, cuja utilidade didactica está hoje reconhecida: objectos **in natura**, modelos, bôas illustrações, laboratorios, etc. Sempre que seja possivel mostrar as mesmas coisas, ou executar deante dos alumnos, ou melhor ainda, fazel-os executar as experiencias, não será necessario recorrer á projecção luminosa.

Convem que os professores não abusem deste methodo de ensino, e muito menos si se trata do cinematographo, convertendo a escola em uma sala de espectaculos. Os casos em que as projecções podem servir para o ensino estão limitados aos factos e phenomenos visiveis que não se podem mostrar de outra forma aos discipulos, ou não poderiam ser postos ao seu alcance, a não ser mais que imperfeitamente, com outra qualquer classe de material.

Para fixar as ideias, passaremos revista ás diversas sciencias e examinaremos quaes são os assumptos que convem ensinar por meio de imagens fixas ou animadas. Separaremos, desde já as sciencias mathematicas, as quaes, em materia de ensino, pelo menos durante os capitulos elementares, nada teriam a ganhar com as projecções luminosas.

A Physica e a Chimica ensinam-se experimentalmente. Nem as pelliculas nem as vistas fixas poderiam substituir as experiencias realizaveis nos laboratorios: propriedades dos imans, phenomenos de electricidade estatica, bombas, siphões, preparação do hydrogenio, do nitrogenio, etc. Não poderiamos admittir as projecções luminosas, a não ser para experiencias difficeis de serem realizadas nos laboratorios escolares: crystallização, liquefacção, microphysica, etc.

Em seguida temos a Biologia, a Physiologia, a Medicina e a Cirurgia. Consideraveis serviços presta a cinematographia ao ensino destas sciencias. A observação, por auditorios numerosos, da vida elementar dos microorganismos é hoje possivel graças ás pelliculas, e como é sabido de todos, graças ao microscopio de projecção fixa.

Más intenções

(FIM)

Termina dizendo-lhe que recebera a resposta de sua mãe, ao telegramma, a qual era favoravel e abençoando a união.

Mas Isabelle ainda o quer torturar e, para mais gosar aquelle tormento o mais delicioso da sua vida, diz que não o ama. Que elle fôra grosseiro e vulgar, na vespera, e que o seu coração pertencia a Henry. E deixa-o, arrebatada, indo para a companhia de Henry que a espera lá fóra.

Nem elle esperava que ella dissesse aquillo e nem ella que elle concordasse tão tacitamente com a sua reacção. Separam-se. Elle, desilludido, profundamente ferido no coração. Ella, mais do que nunca, principalmente por ver que elle nem sequer luctava para a rehaver do outro...

E quando o juiz Dempsey chega, a attitude de Gus é profundamente desoladora e elle, para consolal-o, leva-o ao seu appartamento, onde tomarão um **drink**, socegados.

Lá entrando, a surpresa de Gus é violenta e feliz, ao mesmo tempo. Isabelle lá está, encolhidinha sobre a poltrona, chorando. Atira-se a ella. Unem-se novamente os labios. Depois que saciam os sentidos irritados e ennervados com aquella successão de acontecimentos inesperados e rapidos, falam e, deante do juiz Dempsey, confessam que se amam mais do que nunca e que se casarão tão depressa seja possivel.

Os dez preferidos de Mary Pickford

(Continuação)

Ella falhou, cahiu e resurgiu de novo. John Gilbert ainda não voltou da sua quéda, depois do Cinema falado. Mas virá! O Camondongo é que eu acho que irá ter uma longa vida.

EU — Mas você disse, Mary, que um artista só é grande depois que fracassa pela primeira vez.

MARY — Só depois da mulherzinha do Camondongo o abandonar é que nós vemos o que lhe vae acontecer... E admiro-me de como ainda não foi feito, até hoje, escandalo em torno desse casal...

EU — Póde me dar dois nomes de verdadeiros artistas que, no Cinema, até hoje, ainda não tiveram um successo merecido?

MARY — Estes não são

considerados **astros** ou **es-**
trellas. Ha um, assim, que
eu considero um **astro.** Acho
que elle é realmente um
grande artista. E' Jean Her-
sholt. Não tem quem se lhe
compare. E' sempre outro e
differente nas suas criações.
Hersholt é realmente artis-
ta. Teve um papel em **Ouro**
e Maldição, de Von Stro-
heim e outro em **Stella Dal-**
las. Figurou com Douglas
em **Don Q.** Quando fui fa-
zer **O Paiz da Tormenta,**
quiz alguem que encarnas-
se com sublimidade a estu-
pidez. Conversei e estudei varios homens. Um dia appareceu-me alguem que me disse: — "Ha um homem ahi, Mary, ansioso para falar comsigo. Esperou o dia todo e diz que não quer levar um "não". Eu me fui encontrar com elle. Era Jean Hersholt. "Mas você tem olhos bondosos e um rosto delicado demais!" Disse-lhe. "Dê-me a opportunidade, Mary. Vinte minutos apenas..." Dei. O homem que eu queria era um selvagem e eu lhe disse isso. Elle desceu as escadas. Eu me esqueci delle, confesso. Falava, minutos depois, a respeito da pequena que nós iamos utilisar no Film. Foi ahi que appareceu seu rosto, do canto da sala e eu confesso que me assustei, de tão terrivel que era. E' logico que lhe dei o papel e para deante conseguiu elle brilhantes triumphos nos seus subsequentes Films.

EU — E dos Films? Quaes os bons?

MARY — Os que eu acho melhores, até hoje, são estes: — **Setimo Céo. Cimarron. Birth of a Nation. Honrarás tua Mãe. Os Tres Mosqueteiros. O Garoto. O Calouro. O Grande Desfile. Sangue por Gloria. Robin Hood. Beau Geste. Sem Novidade no Front.**

EU — **E David, o Caçula?**

MARY — Sim, foi um esplendido bom Film. Mas eu achei **Os Tres Mosqueteiros.** Tambem acho **Robin Hood** um dos melhores que até hoje se fizeram.

EU — Mary. Você se acha intimamente convertida ao Cinema falado ou ainda tem uma affeição ainda que pequena pelos Films silenciosos?

MARY — Gosto de fazer Films falados. Mas prefiro ver Films silenciosos.

EU — Hoje eu sou um convertido "convencido" do Cinema falado. No principio confesso que não foi muito... Chegaram a me aborrecer muito, certos Films...

MARY — Acho que perdemos visivelmente alguma cousa. Em vez de simplificar as cousas, tornamol-as

mais complicadas ainda. A cousa essencial em qualquer arte é a directriz artistica. No Cinema silencioso deixavamos muito mais á imaginação das platéas.

EU — Quer dizer, penso, que exista uma scena de amor não falada. E que, utilisando-se a imaginação, poder-se-á interpretal-a como se bem entenda. As pessoas tomam a scena como melhor lhes appetecer e mais os excitar. Duas pessoas olham-se de maneira que não póde ser traduzida. E' isso?

MARY — Exactamente! Agora, ao contrario, luctamos com duas faculdades: olhar e ouvido. Antigamente tinhamos apenas uma para contentar.

EU — E por que acha que o Film falado, presentemente, conquistou e venceu o Cinema silencioso? Haverá chance para a volta do Film silencioso?

MARY — Espero que sim. Antes de mais nada: — os irmãos Warner pegaram o restante da industria adormecida. E elles, na pressa em que estavam e no excitamento de se equiparem e produzirem, não tiveram tempo de pensar em historias e tomaram do theatro 99% do que fizeram. Cada vez que vou ao Cinema eu vejo, em espirito, pairando sobre o Film, o palco, os bastidores, a caixa do ponto, tudo! Os dias da acção e do movimento foram-se! Sinto e aborreço-me intensamente com duas pessoas que se sentam num **close up** e conversam a vida toda. E' trabalho sem imaginação tanto do director como do scenarista.

EU — Acha que no Cinema, então, o encanto chefe é o movimento ao lado da acção?

MARY — E' o nosso grande privilegio. O theatro, por necessidade, fecha tudo sob tres paredes.

EU — Isto, em theatro, aliás, é familiar. O escriptor de peças rasga a quarta parede, a que dá para a platéa. O Film silencioso rasgou todas as quatro paredes. Acho que é erro tomar uma peça marcada para tres ambientes. Um homem deixa uma sala e vae para o hospital onde se avistará com sua mãe agonisante. Mas a gente não vê o artista indo e nem sabe o que lhe aconteceu pelo caminho.

MARY — E' justamente esse o erro. Escrevendo peças, não notou que existem cousas que permanecem vagas? já vi peças mudadas inteiramente pelos adaptadores.

(Continúa no proximo nº)

O eterno D. Juan

(CONTINUAÇÃO)

bordo. Diana preparou-se para cantar a resposta do dueto. Carlo espantou-se. Quando Paurel terminou e Savarova preparava-se para entrar, com gestos dramaticos, a resposta, ouviu-se, vinda lá de baixo, a voz de Diana. Savarova parou, boquiaberta. Paurel espantou-se a principio, lembrou, depois. Depois desceu rapidamente as escadas e foi ter com Diana que o esperava.

— Mas então foi **mademoiselle**, a bordo... **Dio mio**! E agora a encontro novamente!

Sem se lembrar da presença de Carlo, beijou-lhe as mãos.

— Julguei que tivessemos um apontamento...

—Sim, tem razão, perdoe-me! Minha memoria... Nem sei o que dizer della. E temos muito a falar, garanto-lhe!

(Conclue no proximo numero)

Como começou o temor de Greta Garbo

(Continuação)

curvam-se deante della... Pois que se curvem! Pois que se ajoelhem e se arrastem deante della...

Hoje em dia o publico observa-a boquiaberto. Não porque ella seja alta e desengonçada. Porque ella é Greta Garbo!

(Conclue no proximo numero)

Cinema Brasileiro

(F I M)

producção de qualquer Film brasileiro será obrigada a remessa do seu scenario para um julgamento previo da referida Commissão e muito especialmente sob o ponto de vista educativo.

O nosso amigo Lafayette talvez não saiba que a commissão muito naturalmente tambem, negou o seu requerimento de previlegio para producção de Films educativos durante dez annos...

O Brasil caminha para uma melhor administração Cinematographica pela qual CINEARTE sempre se bateu com o sorriso e a incredulidade de todos.

E se este projecto-relatorio fôr assignado pelo governo, muito naturalmente não será na enxada e no machado...

MIRIAM

(CONTINUAÇÃO)

— Essa pequena é horrivel! Se ella é artista de Cinema, eu sou Ernst Lubitsch, com certeza!

Diziam muitos e eu com elles. Era terrivel, isso, mas a impressão desse seu primeiro Film não podia ser mesmo outra.

Mais um pequeno papel sem importancia e, finalmente, **O Tenente Seductor**. E finalmente, a verdadeira Miriam Hopkins, uma vez na vida, deante dos olhos do publico. Ou antes: — a Miriam Hopkins ainda pouco fascinante, mas aquella verdadeira creatura intelligente e aproveitavel que todos que a conhecem sabem que ella é.

Que princezinha interessante! Que encanto, que graça, que vivacidade, que sinceridade!!!

Foi depois disso, então, que appareceu a mulher perigosa e fascinante que hoje conhecemos, a creatura que é capaz de arrebatar uma figura de marmore...

Foi isto que succedeu com ella em **Dr. Jekyll and Mr. Hyde**, ao lado de Frederic March.

(Conclue no proximo numero)

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 35$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.º 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood, GILBERTO SOUTO.

A primeira de "Delicious" em Hollywood

(FIM)

De Westmont, New York, chegaram estas palavras: "Nós temos um club, no collegio e, todas as semanas elegemos um artista para patrono... Você, por meu voto, foi indicado para esta semana!" Estas linhas foram escriptas por uma menina de quatorze annos, nova admiradora de Raul Roulien...

E, pude ver cartas de: Hollywood, New York, Wisconsin, Pennsylvania, Texas, Ohio, Mineapolis, Arkansas, Kentucky, Yowa, Glens, Falls, Massachussets, Palo Alto, Cal., Chicago, Delaware, Buffalo, Kansas, Minnesota, Illinois, Indiana... e a lista é enorme para estar aqui a ennunciar todos.

Entre a sua correspondencia, tambem encontrei muitas cartas do Brasil, animadoras, confiantes, cheias de enthusiasmo, e até da Hespanha, de um nobre de bonito brazão...

A carta que veiu da Mandchuria é impagavel... porquanto nem eu nem Roulien conseguimos decifral-a. Estava escripta á machina... até ahi muito bem, mas o peor é que os typos da machina eram russos! Tivemos que recorrer ao auxilio de um **slavo** para traduzil-a!

As muitas homenagens recebidas pelo nosso patricio, após a exhibição de seu film, juntaram-se telegrammas do Consul de New York, de representantes de jornaes sul-americanos e de Paulo Hasslocher, nosso representante commercial em Washington.

Palavras de conforto, phrases amigas, tanto mais que vem em lingua nossa que, na sua expressão, sempre diz mais do que as outras — pelo menos toca o coração mais facilmente!

E a imprensa? Que disse ella do trabalho de Raul Roulien? Essa imprensa, que, muitas vezes, com uma simples palavra destróe a carreira de um artista, teve palavras de elogio na estréa do artista estrangeiro:

De algumas criticas, firmadas por jornalistas conhecidos, são estes topicos: **Motion Picture Herald**: "Raul Roulien é, especialmente, sincero no seu papel de russo" — **Filmograph**: "Roulien faz o rival de Farrell com muita habilidade" — **Sun, de Long Beach, Cal** — Roulien prova ser um artista de grande habilidade — "**New York Journal**" — Bom trabalho offerece um desconhecido para mim, tem uma linda voz e canta a canção principal — "**Herald Tribune, New York**" — Uma agradavel **performance** é a de Raul Roulien "novo achado" da Fox — de **Phoeniz, no Arizona** — "Raul Roulien, artista brasileiro, está a caminho da fama..." — **Mordaunt Hall**, a penna famosa do **Times de New York** — "Mr. Roulien, um brasileiro, canta e representa de modo agradavel..." — o **Examiner, de Hollywood**, acatado e conhecido, diz: "Raul Roulien, sul-americano, nos deu uma impressão favoravel. Elle canta bem e está a vontade deante da camera"...

Creio que para um artista que inicia a sua carreira em Hollywood, todas estas opiniões dizem muito — muito, para quem venceu sem favores, nem pistolões...

E — assim, nesta chronica ligeira sobre a estréa de **Delicious**, quiz eu dar a vocês, caros amigos, uma impressão do successo — successo de verdade que Raul Roulien obteve com o seu primeiro Film falado em inglez.

Agora, a vocês, resta apenas aguardar a exhibição do Film e — como succedeu commigo — gostar, apreciar o seu trabalho e sentirem-se orgulhosos pelo triumpho obtido, pela primeira vez, no cinema americano por um BRASILEIRO!

Esperemos "Widow's Night" e "Devil's Lottery", o nome do seu novo film.

POLA NEGRI

(Conclusão do nº passado)

Embarcou.

Seguiu para Hollywood.

A sua primeira visita foi o cemiterio. Sobre o tumulo delle largou, com o orvalho puro de duas lagrimas, orchideas, as flores que elle mais amava...

E vae ao cemiterio quasi todos os dias.

Em casa, ouvem-na ao piano. As melodias delle.

A' noite, canta. As canções delle.

Seu quarto tem uma só photographia de Valentino. A dedicatoria é sentida e ardente como elle proprio sempre o fôra.

Mas pela casa toda um nome só grita aos ouvidos daquelle que entra e morre nos olhos sempre pensativos da poloneza admiravel: — Valentino!

Dizem, os que crêm na volta dos espiritos, que ella conversa com elle. Ella conversa comsigo mesma. Com o passado. Com a recordação delle. Isto sim!

✣ ✣ ✣

Por causa disso é que eu até hoje não deixei de admirar nunca Pola Negri. Uma mulher que é capaz de um amor assim, merece a admiração de toda humanidade.

E além disso, ha alguem que possa negar a maravilha de fascinação, malicia e sensualismo que é Pola Negri, seus olhos negros, sua bocca sangrenta?...

Eric Linden
e Rochelle Hudson
Cinearte

Dentes que enfeitem o riso
com brilhos claros de sol...
Pouco, para isto, é preciso:
a Pasta e o Liquido Odol.
Odol
ODOL
KOHOUT.
ODOL